

# UMA BIBLIOTECA QUE ACOLHE

Mediação de leitura com crianças e  
jovens em contexto de migração e refúgio

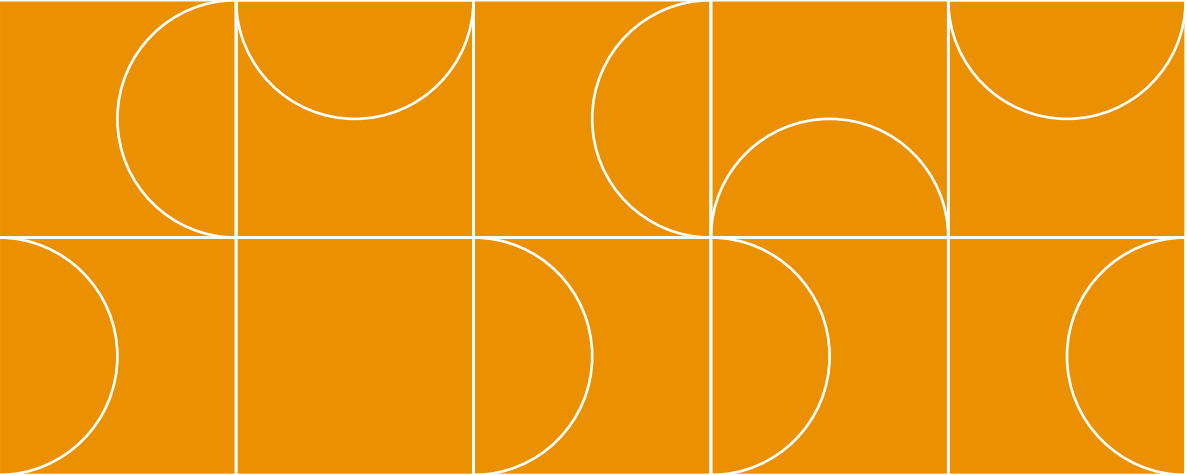
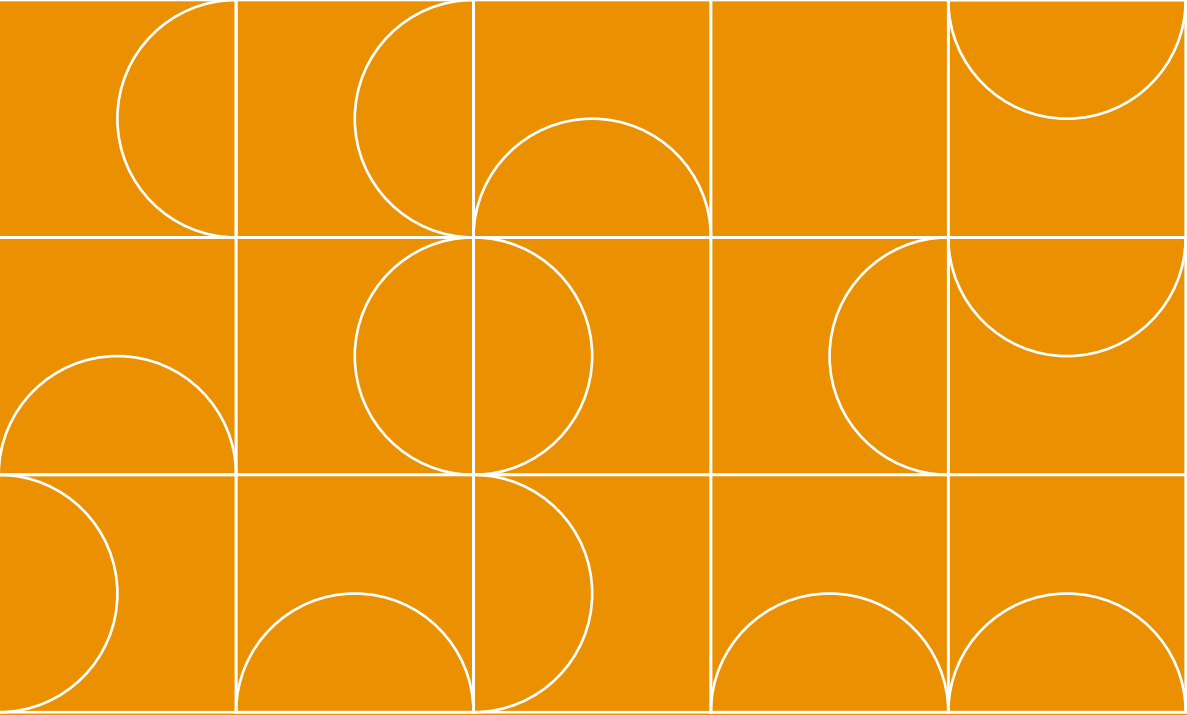
**Carolina Fedatto**



amarelo linca  
editora



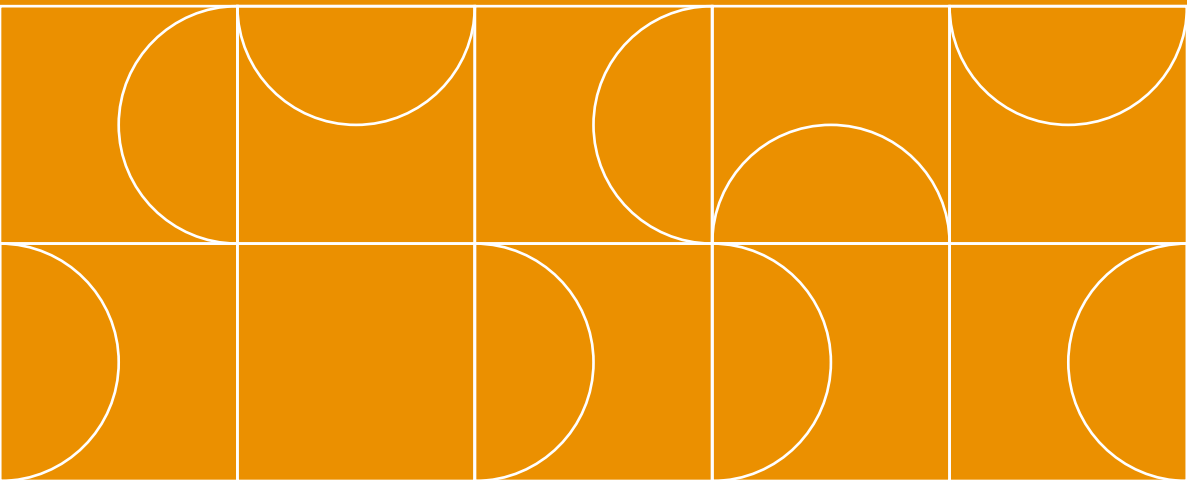
editora  
PUC Minas





# UMA BIBLIOTECA QUE ACOLHE

Mediação de leitura com crianças e  
jovens em contexto de migração e refúgio



© 2024 Os autores. Todos os direitos reservados pela Editora PUC Minas. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da Editora.

### **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

#### **Grão-Chanceler:**

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

**Reitor:** Prof. Dr. Pe. Luís Henrique Eloy e Silva

**Pró-reitor de Pesquisa e de Pós-graduação:**

Sérgio de Morais Hanriot

### **EDITORA PUC MINAS**

**Direção e coordenação editorial:** Mariana

Teixeira de Carvalho Moura

**Comercial:** Daniela Figueiredo Andrade Albergaria

**Conselho editorial:** Alberico Alves da Silva

Filho, Conrado Moreira Mendes, Édil Carvalho Guedes Filho, Eliane Scheid Gazire, Ester Eliane Jeunon, Flávio de Jesus Resende, Javier Alberto Vadell, Leonardo César Souza Ramos, Lucas de Alvarenga Gontijo, Márcia Stengel, Pedro Paiva Brito, Rodrigo Coppe Caldeira, Rodrigo Villamarim Soares, Sérgio de Morais Hanriot.

### **EDITORA AMARELO URCA**

**Direção e coordenação editorial:** Marta Loureiro

**Direção de arte:** Callanga

### **PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

**Pró-reitora:** Carolina Costa Resende

**Produção Acadêmica e Publicações**

**Coordenador:** Robson Figueiredo Brito

### **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Coordenadora:** Terezinha Taborda Moreira

**Colegiado:** Terezinha Taborda Moreira, Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, Arabie Bezri Hermont.

### **CENTRO DE ESTUDOS LUSO-AFRO-BRASILEIROS**

**Coordenadora:** Raquel Beatriz Junqueira Guimarães

### **PROJETO LER - CÍRCULOS DE LEITURA E ESCRITA COM REFUGIADOS E MIGRANTES**

**Coordenadoras:** Sandra M. S. Cavalcante e Josiane Andrade Militão

**Projeto gráfico e diagramação:** BR75 | Ligia Barreto

**Capa:** BR75 | Raquel Soares

**Preparação:** BR75 | Nayana Ferraz

**Revisão:** BR75 | Valéria Inez Prest | Aline Canejo

**Revisão Pedagógica:** Sandra M. S. Cavalcante

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Todas as imagens que integram a obra foram cedidas por suas respectivas editoras.

Editora PUC Minas

Rua Dom José Gaspar, 500 – prédio 6/subsolo/sala 3, Coração Eucarístico, Belo Horizonte/MG, Brasil

Contato: 31 3319-4792

editora@pucminas.br

CESPUC – PUC Minas

Av. Dom José Gaspar, 500

Coração Eucarístico CEP: 30535- 901,

Belo Horizonte/MG, Brasil

Contato: 31 3319.4368

cespuc@pucminas.br

www.pucminas.br/cespuc

Editora Amarelo Urca

SHCGN CLR 705 - Bloco E - Loja 08 – Asa Norte

CEP 70730-555 - Brasília/DF, Brasil

Escritório do Rio de Janeiro

Contato: 21 97096 4626

projetos@amarelourca.com

amarelourca.com

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F292b

Fedatto, Carolina

Uma biblioteca que acolhe [recurso eletrônico] : mediação de leitura com crianças e jovens em contexto de migração e refúgio / Carolina Fedatto. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Rio de Janeiro: Amarelo Urca, 2024.

*E-book* (96 p. : il.)

ISBN: 978-65-88547-68-7

1. Incentivo à leitura. 2. Livros - Seleção. 3. Livros e leitura na literatura. 4. Mediadores (Pessoas) - Formação. 5. Crianças refugiadas. 6. Jovens - Refugiados. I. Título.

CDU: 028.5

Ficha catalográfica elaborada por Daniela Luzia da Silva Gomes - CRB 6/2505

# UMA BIBLIOTECA QUE ACOLHE

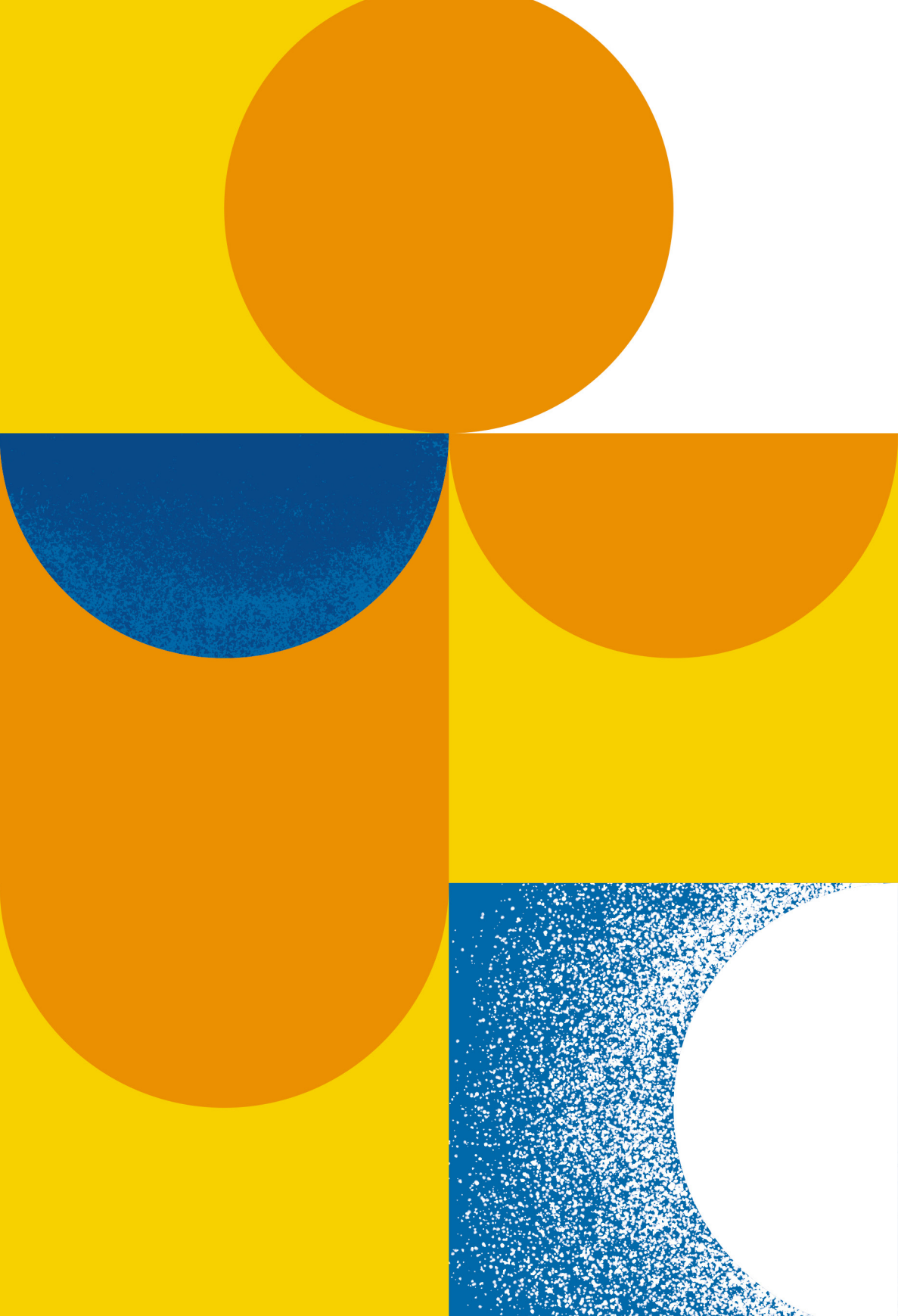
Mediação de leitura com crianças e  
jovens em contexto de migração e refúgio

**Carolina Fedatto**



## Sumário

<b>De portas e janelas abertas</b>	9-13
<b>Agradecimentos</b>	15
<b>Ler com quem nos chega</b>	17-18
<b>Por que a literatura?</b>	19-23
<b>Projetos de leitura como acolhimento</b>	25-35
Por que o livro ilustrado?	25-27
Qual é o papel do mediador?	28-35
<b>Curadoria: uma biblioteca que acolhe</b>	37-81
<b>O que fazer com os livros selecionados?</b>	83-89
<b>Bibliotecas digitais</b>	91
<b>Referências</b>	92-96





# De portas e janelas abertas

O fenômeno do deslocamento forçado é, inegavelmente, um dos problemas mais complexos do mundo contemporâneo. São muitos os fatores, motivações e elementos implicados no êxodo de milhões de pessoas pelo planeta. Entre esses fatores, destacam-se a fuga da fome; da pobreza; das guerras; da perseguição de natureza política, religiosa, étnica; e das consequências catastróficas do aquecimento global.

No exato momento em que escrevemos esta apresentação, segundo dados do Relatório Global Trends 2022 do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), o mundo alcança a marca crescente de 108,4 milhões de pessoas forçadas a deixarem suas casas. Entre estas, 35,3 milhões estão na condição de refugiadas. Há, ainda, 4,4 milhões de apátridas, ou seja, pessoas a quem foi negada a nacionalidade e que não têm acesso a direitos básicos, como educação, saúde, emprego e liberdade de movimento. O problema se aprofunda quando constatamos que mais da metade dos refugiados em situação de deslocamento forçado no mundo são crianças. Nesse contexto, crianças, adolescentes e jovens estão sob o risco de várias formas de violência: separação de seus responsáveis, negligência, exploração, abuso, tráfico e até recrutamento militar forçado.

Quando nos deparamos com a possibilidade e a necessidade de conhecer alguém que, em nossa cidade, bairro, rua, escola, vem de outro país, que traz consigo outra língua e experiências culturais diferentes das nossas, muitas são as pos-

<sup>1</sup> CAVALCANTE, Sandra. Novas intersubjetividades, pontos de vista e emoções em práticas discursivas de migrantes. In: CAVALCANTE, Sandra; GABRIEL, Rosângela; MOURA, Heronides (org.). *Linguagem, cognição e cultura: estudos em interface*, v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2020. p. 261-290.

sibilidades para, como cidadãos, vizinhos, professores, mediadores de leitura, (res)significarmos esse encontro.

Conforme o outro que se nos apresenta chegado de longe, especialmente se for uma criança ou um adolescente, essa ressignificação tem tudo para ocorrer com base em valores como a empatia, o cultivo de novas (inter)subjetividades, a hospitalidade, a solidariedade, o acolhimento e a convivialidade.<sup>4</sup>

Como sabemos, esse encontro também pode ser marcado por diferentes e concretas formas de violência social. Nesse sentido, palavras como xenofobia, racismo, *bullying*, intimidação em diferentes níveis e escalas sociais, infelizmente, são encontradas em manchetes de jornais e revistas, em noticiários televisivos e portais de notícias, em diferentes línguas, nos mais diversos países, todos os dias.

Este guia para *mediação de leitura com crianças e jovens em contexto de migração e refúgio* nasce da necessidade e da possibilidade de contribuir para qualificar, pedagógica e culturalmente, o processo de acolhimento de crianças e adolescentes em situação de migração e refúgio, através da leitura do texto literário.

O guia estabelece um diálogo com o trabalho desenvolvido por reconhecidos críticos da literatura, estudiosos da atividade de leitura realizada por crianças e adolescentes e do processo de leitura do texto literário, em diferentes contextos. Além disso, dialoga com a experiência no processo de formação pedagógica de professores, de pedagogos e de mediadores culturais, realizada por importantes instituições e coletivos brasileiros e internacionais.

O texto em questão permite ao leitor construir um percurso reflexivo sobre a importância, os desafios, as possibilidades e a dinâmica que o processo de mediação de leitura do texto literário coloca em cena. Nesse percurso, somos convidados a refletir sobre por que podemos e devemos ler com aqueles que, vindos de terras distantes, com diferentes e profundas experiências cultu-

rais na bagagem, chegam ao nosso país e sobre a importância da literatura como um direito humano.

A partir da apresentação de projetos de leitura realizados no Brasil e no mundo, o texto permite-nos compreender que a mediação de leitura do texto literário implica um trabalho sistemático e, portanto, intencional, de acolhimento e de aproximação, pela literatura, pelas múltiplas linguagens inerentes à sua circulação (cores, formas, texturas, tipografia, ilustrações), a fim de nos ajudar a reconhecer e compartilhar, mutuamente, as nossas habilidades básicas de percepção, de atenção, de memória; a nossa capacidade de interpretação; e, muito especialmente, as nossas emoções.

A curadoria dos livros sugeridos pressupõe o reconhecimento de temas e questões emergentes, na experiência de migração e refúgio, a partir das discussões do escritor colombiano Fanuel Hanán Díaz. Entre essas temáticas, destacam-se: as fronteiras, as decisões, a viagem, o outro, as lembranças e os *não lugares*. Nas palavras da autora deste guia, a seleção das obras, em sua maioria livros de imagens, visa a contribuir para experiências de leitura sensíveis, interessantes, significativas para todos os que, no espírito da roda, se debruçarem juntos para ler.

Com o propósito de finalizar o percurso de reflexão proposto pela autora, em uma seção cuidadosamente desenhada para orientar o trabalho do mediador de leitura, somos convidados a refletir sobre como selecionar os livros a serem lidos e sobre que estratégias pedagógicas podemos realizar no processo de leitura “com” o outro que temos diante de nós. Nesse momento, somos convidados a refletir sobre os riscos de uma “sacralização” ou “espetacularização” da leitura do texto literário que pode comprometer a natural e legítima aproximação do leitor com o livro que tem em mãos.

O trabalho artístico-editorial implicado no processo de estruturação do guia e, particularmente, na apresentação das obras selecionadas para apontar as possibilidades de leitura propostas pela autora pode ser lido na forma de um sensível convite à realização dessa experiência por aqueles que – professores,

<sup>2</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

<sup>3</sup> CAVALCANTE, Sandra M. S.; FELISBERTO, Camila A. Comunidades interculturais de aprendizagem: uma resposta à crise migratória. *Revista de Pastoral da Anec*, ano VI, n. 12, p. 78-84, nov. 2021.

estudantes, educadores populares, ativistas dessa agenda – desejam assumir o papel de mediadores de leitura.

Não podemos deixar de destacar, por fim, que este texto nasce de um processo contextualizado, situado, constitutivamente dialógico, de reflexão científica, pedagógica e cultural. A ideia de sistematização deste guia nasce de um minicurso que teve como objetivo contribuir para a formação de me-

diadores de leitura do texto literário no contexto da aprendizagem de uma nova língua por migrantes e refugiados de diferentes nacionalidades. O minicurso, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, ocorreu no âmbito das ações de formação pedagógica do Projeto LER, no período em que nos despedíamos da pandemia de covid-19, em 2022.

O Projeto LER, caracterizado pela realização de círculos de leitura e escrita com jovens e adultos, crianças e adolescentes, migrantes e refugiados em território brasileiro, estrutura-se em cinco frentes de trabalho, articuladas entre si de maneira dinâmica e indissociável. Assim, professores e estudantes de diferentes áreas e cursos da PUC Minas atuam, em uma perspectiva transdisciplinar, nas frentes pedagógica, artístico-cultural, de desenvolvimento humano e social, de documentação e pesquisa e de comunicação.

As ações pedagógicas do projeto constituem uma experiência de aprendizagem do português e da cultura brasileira por crianças e adolescentes, jovens e adultos em situação de migração e refúgio nas diferentes regiões do Brasil. Essas ações são desenvolvidas com base em princípios cognitivo-emocionais e pedagógicos, como a amorosidade, a dialogicidade, a curiosidade, a criatividade e a criticidade frente à realidade sócio-histórica.<sup>2</sup> Dessa forma, o projeto acolhe, indistintamente, pessoas das mais diferentes nacionalidades, etnias, religiões, orientações sexuais e afiliações ideológicas que busquem a experiência de uma COMUNIDADE INTERCULTURAL DE APRENDIZAGEM.<sup>3</sup>

O projeto, que nasce em parceria com o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), no Brasil, em 2017, tem o reconhecimento e o financiamento da Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas e integra as ações de ensino de português como língua de acolhimento (PLAc) do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (Cespuc) e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM), na PUC Minas.

Por meio desta publicação, deixamos abertas nossas portas e janelas para todos os que, de perto ou de longe, desejem dialogar e participar de ações de acolhimento, de hospitalidade e de convivência com crianças e adolescentes de diferentes nacionalidades que chegam a países de língua portuguesa para viver. E, em especial, para aqueles que queiram fazê-lo através da experiência estética, das artes e, sobretudo, da leitura do texto literário.

**Sandra Cavalcante e Josiane Militão**

*Coordenadoras do Projeto LER*

*Pesquisadoras afiliadas*

*ao Centro de Estudos*

*Luso-afro-brasileiros (Cespuc)*

*Programa de Pós-graduação*

*em Letras – PUC Minas*



# Agradecimentos

Este *e-book* é o primeiro de uma série que visa a cooperar para o processo de acolhimento a migrantes e refugiados que chegam ao Brasil para viver. Por sua produção marcadamente coletiva, agradecemos muito.

Nosso agradecimento à professora Raquel Beatriz Junqueira Guimarães, coordenadora do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros (Cespu/Cátedra Camões), pelo fundamental apoio na concretização deste projeto.

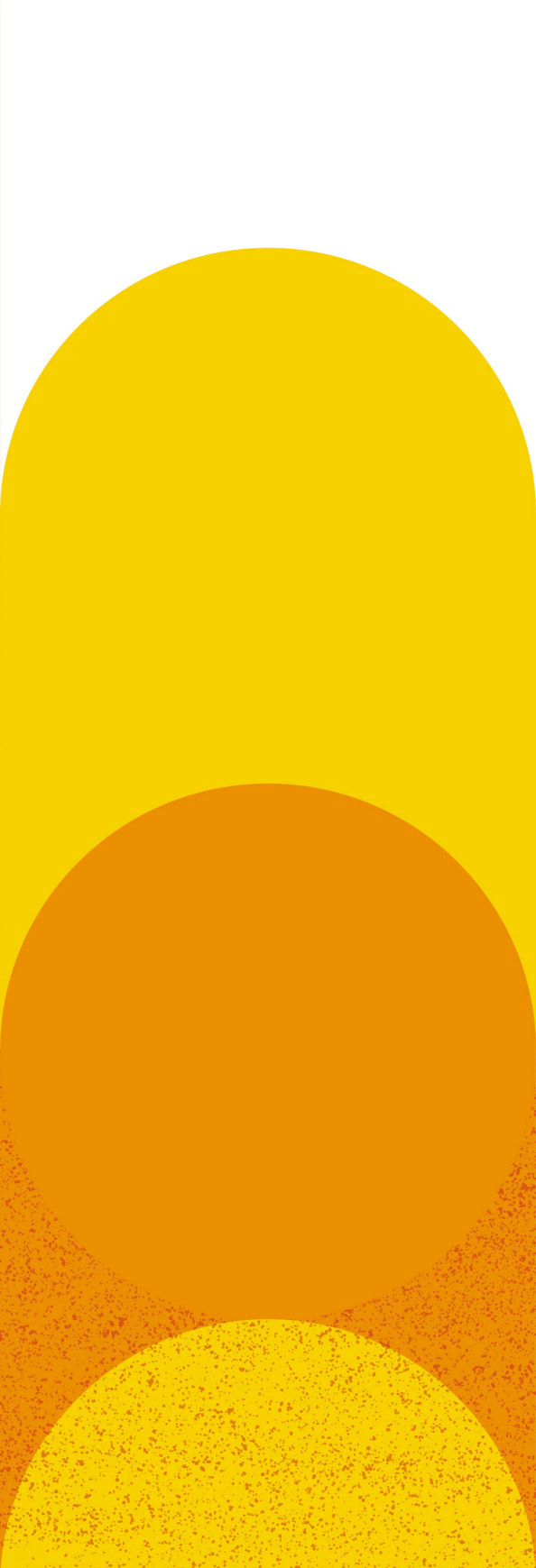
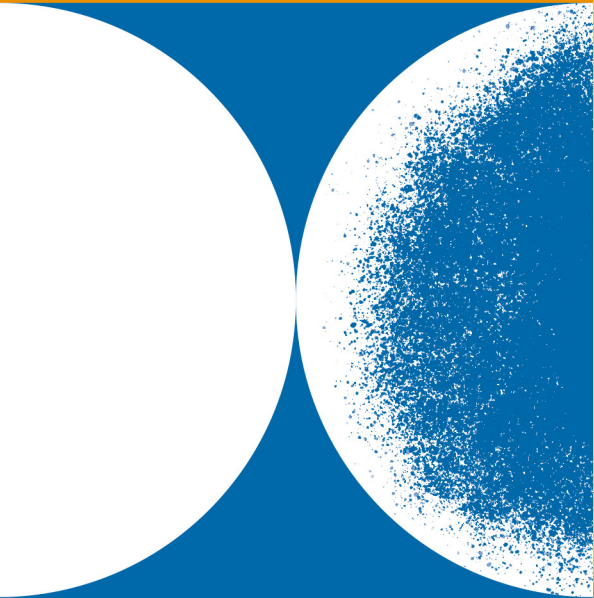
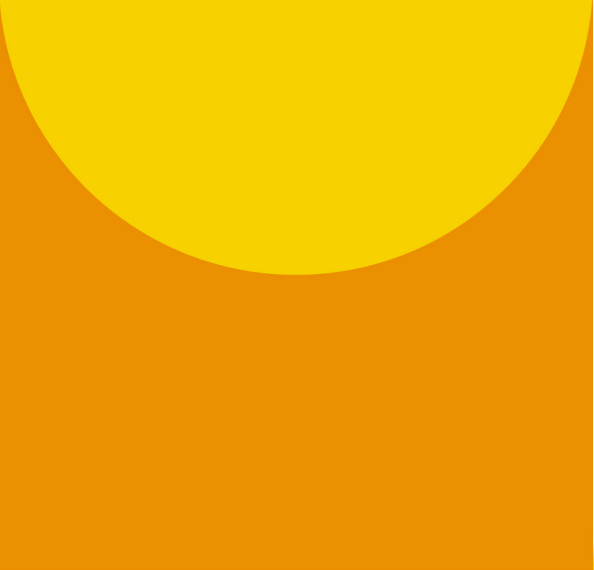
Ao Programa de Pós-graduação em Letras (Proex-Capes) e à Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas; ao Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR-BH) e à Cátedra Sérgio Vieira de Mello (Acnur/PUC Minas) pelo apoio institucional.

Nosso agradecimento a Carolina Fedatto, pelo companheirismo e pela sensibilidade ao aceitar nosso convite para a escrita da obra. Aos professores e estudantes da PUC Minas, da UFMG e das redes municipais de ensino de Belo Horizonte e Contagem (MG) e aos representantes do Coletivo de Mulheres Migrantes Cio da Terra, que participaram do minicurso “Literatura e acolhimento – mediação de leitura com crianças e jovens em contexto de migração e refúgio”, que inspirou a obra.

Nossos sinceros agradecimentos às casas publicadoras Ameli, BabaYaga, Companhia das Letrinhas, Editora 34, Leiturinha, Livros da Matriz, WMF Martins Fontes, Pallas, Paz & Terra, Pequena Zahar, Pulo do Gato, Record, SM, Solisluna, Selo Emília e Trioleca pela concessão das imagens que ilustram a curadoria das obras.

Ao professor Leandro Diniz (UFMG), por suas valiosas contribuições na leitura crítica dos originais; a Patrícia Lino e Marta Loureiro (Editora Amarelo Urca), por sua sensibilidade e seu talento na condução do processo editorial.

*As Organizadoras*





# Ler com quem nos chega

*Um estrangeiro me revelou minha estrangeirice.*

Edmond Jabès, 1989, p. 24

Como acolher pessoas vindas de lugares diferentes e que compartilham a necessidade de recomeçar suas vidas, aprender uma nova língua, fixar moradia, buscar trabalho, se integrar na escola, circular em uma cidade e se reconhecer parte de uma nova nação? Sabemos que o ensino formal da língua e as orientações administrativas e jurídicas são fundamentais, mas, por si só, eles não garantem o acolhimento. É preciso também considerar a riqueza da diversidade cultural em questão e, a partir dela, criar situações que favoreçam as trocas, as descobertas e as aprendizagens coletivas também pelo viés emocional, simbólico, afetivo. A leitura e a literatura podem ser uma via privilegiada para isso, já que o livro é um objeto cultural que favorece a triangulação: ele aponta para um terceiro nas relações, mostra um fora, um outro, um espelho para se reconhecer, por isso pode ser uma ponte para conversas e tem o potencial de abrir portas para novos mundos.<sup>4</sup>

Considerando, então, a importância da literatura na construção humana, este guia para *mediação de leitura com crianças e jovens em contexto de migração e refúgio* apresenta reflexões, conceitos, experiências, orientações e critérios de avaliação e seleção de livros para a promoção de experiências

<sup>4</sup> REYES, Yolanda. O triângulo amoroso. In: LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel (org.). *As crianças e os livros: reflexões sobre a leitura na primeira infância*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. p. 46-51.

de compartilhamento e transmissão cultural pela literatura em contextos interculturais. A partir dessas discussões e de uma curadoria literária preliminar, este material oferece aos mediadores condições de criação de contextos e espaços de acolhimento pela literatura, selecionando e relacionando leituras que integrem experiências linguísticas, culturais e pessoais diversas sem descon-siderar as singularidades.

# Por que a literatura?

Propor uma seleção de livros para mediações literárias com crianças e jovens migrantes e refugiados exige considerar o contexto das situações que levam milhares de pessoas a sair de sua terra natal e buscar a sobrevivência ou melhores condições longe de casa. Conhecemos essa história, mesmo que à distância. É a história das diásporas, dos refugiados, das expulsões e das migrações humanas. Sabemos que, diferentemente de outros animais, evolutivamente, os seres humanos não migram mais por natureza ou instinto. Atualmente, milhões de homens e mulheres, jovens e crianças, famílias e comunidades inteiras, por diferentes e graves problemas (sociais, políticos, ambientais, religiosos), são obrigados a fugir, pois são perseguidos e expulsos de seus países. Imploram por refúgio, asilo, exílio; vivem à margem da lei, à beira do insuportável, sem direitos nem condições. São situações-limite. Diante delas, perguntamo-nos: **como a arte e a literatura, em especial, podem contribuir para ressignificar esse momento particular de chegada a um novo país?**

Nós, que participamos de estudos e discussões dos quais deriva este guia, acreditamos que a literatura precisa estar presente em contextos de acolhimento, de convívio, de aprendizagem, de partilha de vida. A literatura é um **direito humano**. A experiência de leitura do texto literário constitui, preserva e restaura a subjetividade, a humanidade, a capacidade de viver, resistir e lutar.

O professor e crítico literário Antonio Candido, em um célebre manifesto de 1988, ano em que o Brasil se reuniu em torno da construção da Constituição Cidadã, define a literatura de forma

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio.  
O direito à literatura.  
In: CANDIDO, Antonio.  
*Vários escritos*. Rio de  
Janeiro: Ouro sobre Azul,  
2011. p. 188.

que a considera uma necessidade de todas as pessoas, sobretudo daquelas que vivem contextos de privação:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos nossos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual.<sup>5</sup>

Esse é um direito que precisamos constantemente afirmar e reafirmar. Precisamos até mesmo lutar para que a arte e a literatura sejam vistas como direitos, já que a hierarquização das necessidades humanas, obedecendo a uma divisão entre urgências de ordem material e imperativos intelectuais e emocionais, é uma grande armadilha. Nesse sentido, uma entrevista do artista mineiro Paulo Nazareth, feita pelo Coletivo Encrespad@s, para a *Caderno Emília* é particularmente importante:

Estava falando desse lugar do transporte, da água, da comida, disso tudo que acontece junto e que é o mínimo. Às vezes, a arte pode parecer algo supérfluo: se não tem água, não tem luz, você vem falar de arte? Mas, no fim das contas, é talvez isso que alimenta o sonho e que ajuda a gente até na resistência. A gente fica pensando nessa produção em volta do mercado, mas, quando falta algo, há sempre alguém que conta uma história, que nos traz uma ideia, uma força para lutar, e essa história é contada às vezes antes de dormir... Se falta luz, naquele escuro, talvez a palavra falada, a palavra cantada, traga um certo alívio para poder fechar os olhos e descansar, e no outro dia levantar e ir para a briga. A luta é sempre a mesma, contra essa coisa de fazer com que isso pareça como algo supérfluo ou inatingível, que esse negócio de arte não é para nós, a arte

é algo supérfluo, o que a gente precisa é de arroz e feijão.<sup>6</sup>

Sendo arte, a literatura é esse espaço de escuta, de fala, de elaboração que, pelo trabalho com a linguagem, abre possibilidades singulares de identificação. O contato com a literatura oferece ao leitor a chance de nomear acontecimentos de vida, vivenciar existências diversas da sua, experimentar perigos, medos, angústias e se proteger deles. Essa propriedade da leitura não se confunde com um prazer imposto culturalmente, mas é experimentada singularmente em práticas acolhedoras de **transmissão cultural**.

Essa é a concepção na qual se apoiam as reflexões da antropóloga francesa Michèle Petit, que trabalha com leitura literária com imigrantes nas periferias parisienses. Ela analisa as oficinas de transmissão cultural, os olhares, a corporeidade daqueles que participam dessas sessões de leituras e conversas apoiada pela **metáfora espacial da leitura** como abrigo, hospitalidade, casa, ninho, paisagem, lugar. Essa comparação oferece uma dimensão poética de interpretação do significado que a literatura pode ter para pessoas que vivem situações extremas. Isso, também, testemunham muitos autores, entre eles Marina Colasanti, que reconhece o papel fundamental que a leitura teve em sua infância, vivida durante a guerra. Ela diz que, quando se está diante do conflito, o *risco* e a *anomia* são rotina, os padrões de vida e de morte não são os mesmos que nos tempos de paz, mas a vida segue e:

Os de fora não sabem que inventar a normalidade no meio da tragédia é o que torna a tragédia suportável. Acham estranho que a vaidade e o senso de humor permaneçam, quando toda noite se desce a um abrigo antiaéreo. Mas é assim que se tolera o abrigo. E permanece o desejo de ouvir música, que leva pessoas a concertos mesmo quando os víveres escasseiam. E o de

<sup>6</sup> NAZARETH, Paulo. “Uma diversidade que não cabe em uma única caixa”: uma conversa com Paulo. [Entrevista cedida a] Coletivo Encrespad@s. *Caderno Emília*, n. 6, p. 15, 2021. Disponível em: <https://emilia.org.br/selo/caderno-emilia-n-o6-2021/>. Acesso em: 31 out. 2023.

<sup>7</sup> COLASANTI, Marina.  
Lendo na casa da guerra.  
*In*: COLASANTI, Marina.  
*Fragatas para terras  
distantes*. Rio de Janeiro:  
Record, 2004. p. 172.

<sup>8</sup> PETIT, Michèle. *Ler o  
mundo*: experiências de  
transmissão cultural nos dias  
de hoje. Trad. Julia Vidile.  
São Paulo: Editora 34, 2019.  
p. 35.

ir ao teatro. E o de ler. Essa invenção da normalidade é a casa. [...] Essa normalidade foi a leitura.<sup>7</sup>

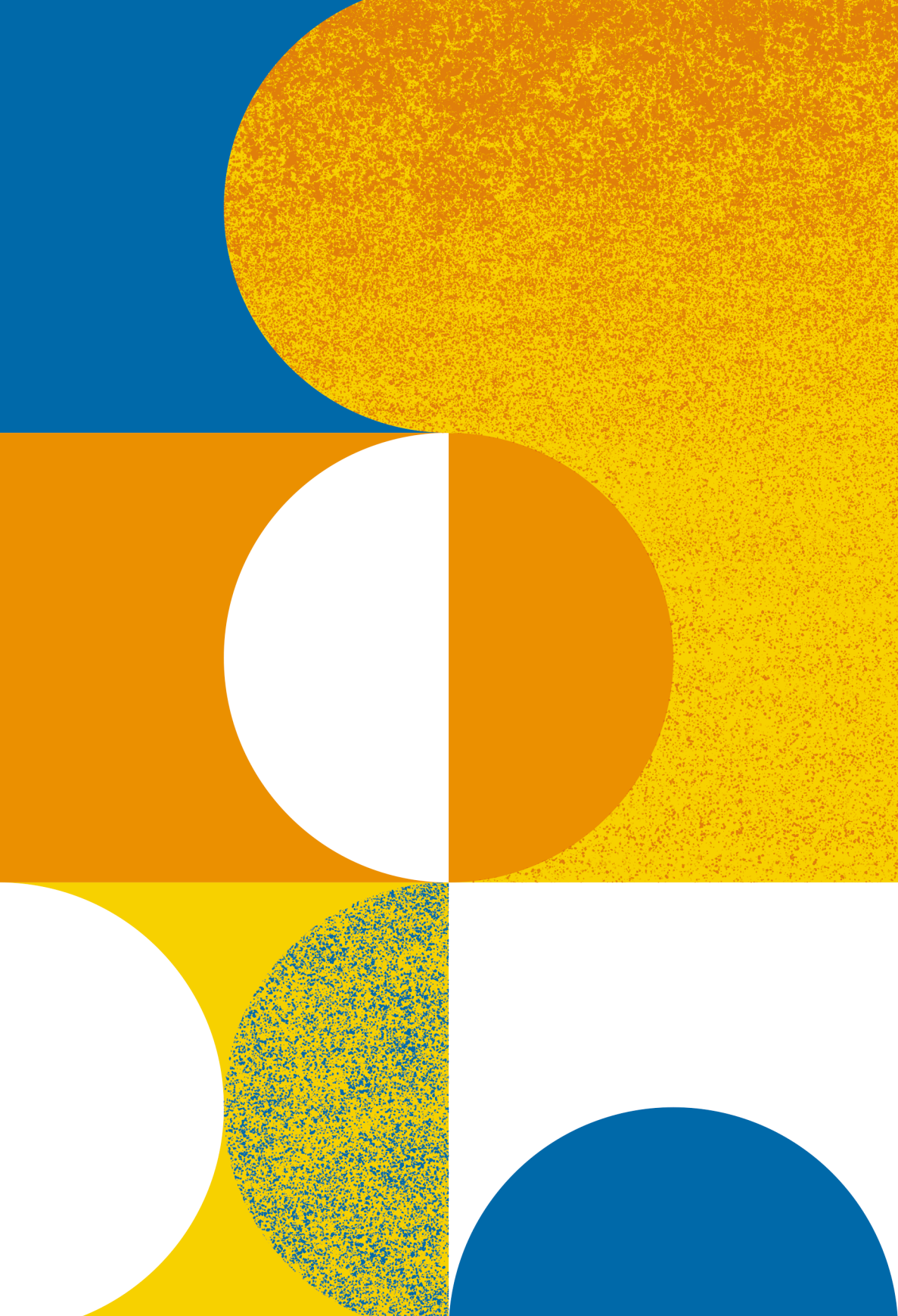
O trabalho com a literatura em contextos de migração e refúgio se sustenta por esse olhar para a construção singular e subjetiva que ela possibilita. Um livro lido em conjunto, apresentado com paixão, apreciado, experimentado e compartilhado, pode nos acompanhar em muitos processos di-

íceis. E **projetos de leitura** como os analisados por Michèle Petit mostram sua importância:

As pessoas que promovem essas oficinas [de leitura] observam que elas facilitam uma reconstrução do eu e das sociabilidades. Isso passa também por uma nova apresentação do mundo, do espaço, com a ajuda de textos e do contato com obras de arte. Por meio da apropriação de palavras, de histórias, de fiapos de saberes que os participantes transformam em uma espécie de tecido vivo, a relação com os lugares pode ser remodelada, reconfigurada. Mais que isso, lá onde falta uma transmissão de histórias familiares, a leitura ajuda a reencontrar a espessura simbólica e imaginária que tanto nos é necessária para remodelar lugares em que viver, se lançar e fazer o próprio caminho.<sup>8</sup>

Experiências como essas são ferramentas de apoio e reflexão fundamentais para aqueles que desejam ser mediadores de leitura no contexto da chamada “crise dos refugiados”, concernente a pessoas de muitas nacionalidades, mas cuja direção de fuga é quase sempre a mesma: do Sul para o Norte, das margens para o centro, em direção a países que consideram (ou imaginam) mais seguros e estáveis, social e economicamente. Nesse contexto, há perguntas que, como professores, como mediadores de leitura, precisamos nos fazer. Quem são os migrantes e refugiados que o Brasil recebe? Como os acolhemos? As estatísticas nos fornecem

números que ajudam a organizar políticas públicas de recepção, mas quais são as histórias dessas pessoas, seus anseios, suas dores? Um trabalho de **acolhimento** e de **aproximação** pela literatura pode, certamente, nos ajudar a reconhecê-los e recebê-los em sua humanidade.





# Projetos de leitura como acolhimento

## Por que o livro ilustrado?

A linguagem do livro ilustrado é bastante interessante para compor uma biblioteca de leitura com crianças e jovens (e mesmo adultos, por que não?!) em situação de migração e refúgio. Por serem livros em que a **palavra**, a **imagem** e o **objeto** são parte da narrativa, podendo ser compostos apenas por imagens ou pouco texto, esse tipo de livro tem um caráter aberto, deixando espaço para os leitores se colocarem e conversarem sobre as obras.

A linguagem literária e a combinação estética da palavra e da arte visual nos livros ilustrados possibilitam a construção de significados em diferentes níveis cognitivos e afetivos. São livros que podem ser apreciados em qualquer faixa etária e por pessoas com experiências de leitura diversas, pois tratam com delicadeza e poesia de grandes temas humanos, a partir de formas narrativas ricas e significativas. Nesse sentido, segundo a pesquisadora escocesa Evelyn Arizpe,<sup>9</sup> a escolha dos **livros ilustrados** para serem lidos em contextos de migração e refúgio se justifica por estudos e práticas que mostram que eles podem acolher diver-

<sup>9</sup> ARIZPE, Evelyn. Literatura infantil en contextos críticos de desplazamiento: el Programa “Leer con migrantes”. In: SECRETARÍA DE CULTURA/DGP. *Para leer en contextos adversos y otros espacios emergentes*. México: Dirección General de Publicaciones, 2018. p. 23-63. Disponível em: <https://linternasybosques.com/2018/11/28/para-leer-en-contextos-adversos-y-otros-espacios-emergentes-programa-leer-con-migrantes-por-evelyn-arizpe/>. Acesso em: 31 out. 2023.

os leitores dadas as suas características constitutivas, que aliam palavra, imagem e objeto:

- os livros ilustrados chamam visualmente a atenção dos leitores pelo formato e pelas capas, pelas cores, pela tipografia, por um cuidado gráfico e estético que conquista o olhar;
- geralmente são livros curtos, que podem ser lidos em alguns minutos e deixam espaço para trocas e conversas;
- grande parte das pessoas se sente à vontade para ler as imagens, e essa leitura não depende de uma intercompreensão linguística: ela pode ser feita mesmo em contextos multilíngues;
- a leitura de imagens é bastante prazerosa, metafórica e emocional;
- o livro ilustrado pode ser um incentivo para a expressão literária por meio da escrita de poemas, cartas, diários etc.;
- valoriza as artes visuais e favorece o contato com elementos literários, como a ironia, a metáfora e a metaficção.

Essa escolha pelo livro ilustrado tem apoio também em diversas experiências de leitura com migrantes e refugiados, entre elas:

- 1949 – Biblioteca Juvenil Internacional de Munique – Internationale Jugendbibliothek – Jella Lepman;
- 1982 – Actions Culturelles Contre les Exclusions et les Ségrégations – A.C.C.E.S. – René Diatkine, Marie Bonnafé, Bernard Golse, Geneviève Patte, Evelio Cabrejo-Parra;
- 2013 – International Board on Books for Young People – Biblioteca IBBY – “Livros silenciosos, destino final Lampedusa”;
- 2018 – Programa “Ler com migrantes” e Rede de investigação “Literatura infantil em contextos críticos de deslocamento”, México;
- 2019 – Projeto “Literatura que acolhe” – Instituto Emília/Prefeitura de São Paulo.

Além de notar que os leitores recebem com entusiasmo os desafios e mistérios propostos pelos livros ilustrados, as práticas de leitura mostram que tais obras possibilitam conexões com experiências culturais, de leitura e de vida entre leitores diversos e em grupos heterogêneos em idade e em experiência leitora e linguística. A construção de significados mais profundos geralmente acontece em um contexto de diálogo, com perguntas abertas e sentidos construídos a partir da narrativa do livro e das falas dos colegas de grupo.

Há linhas de pesquisa apontando, também, para os avanços linguísticos, intelectuais e emocionais que os livros ilustrados podem trazer, já que, muitas vezes, refletem, metaforicamente, acontecimentos e emoções para as quais as palavras podem não ser suficientes. A russa Maria Nikolajeva,<sup>10</sup> grande especialista em teoria da literatura que trabalha em Cambridge, sustenta que o livro ilustrado oferece algo especial nesse sentido: é por meio das imagens que os leitores podem observar a emoção dos personagens; isso desenvolve a capacidade de entender os anseios, os pensamentos e as intenções de outras pessoas e de si mesmos.

Em contextos frágeis, como nomeia Evelyn Arizpe, em que se reúnem grupos e pessoas que tiveram que deixar seu lugar de origem — seja por conflitos armados, seja por desastres naturais, violência ou pobreza —, convivem experiências traumatizantes, mas coexiste também uma riqueza de línguas, culturas e tradições distintas que podem ser apreendidas e transmitidas pelo contato com a literatura. Assim, o texto literário se torna um recurso valioso para ajudar a criar momentos partilhados de aprendizagem, lazer e interação social e cultural.

<sup>10</sup> NIKOLAJEVA, Maria. Muito mais que diversão: contribuições de Maria Nikolajeva sobre literatura infantojuvenil. [Entrevista cedida a] Everaldo Lima de Araújo, Márcia da Gama Silva Felipe, Thales Sant'Ana Ferreira Mendes. *Revista Palimpsesto*, ano 18, n. 29, p. 27-37, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/43789/30006>. Acesso em: 31 out. 2023.

## Qual é o papel do mediador?

Como já dissemos, muitos podem considerar que pessoas, na condição de migrantes ou refugiadas, têm necessidades mais urgentes do que a da leitura, mas, embora tenham que lidar com os desafios da busca por moradia, alimentação, trabalho e educação, tanto os adultos quanto as crianças e os jovens têm direito a momentos de sociabilidade afetiva, de trocas simbólicas e imaginárias. No entanto, por melhor e mais bonito que seja, não basta oferecer ou doar um livro. Quando se trata de contextos difíceis, em que podem faltar habilidades de leitura ou mesmo linguísticas, e nos quais as palavras e a concentração podem estar prejudicadas por traumas, o mais importante é o acompanhamento **antes, durante e depois da leitura**. Nesse contexto, é fundamental a atuação de um mediador que crie um **espaço**, quaisquer que sejam as circunstâncias em que se lê, e que ofereça um ambiente seguro, acolhedor, gentil, onde os leitores se sintam livres e respeitados e onde ocorra uma interação aberta e humana. Um mediador que facilite **a aproximação com o livro**, oriente a **escolha**, estimule a **leitura** e o **diálogo** de forma sensível e convide ao **compartilhamento** de emoções e diferentes formas de **expressão** pode ser uma inspiração para seguir em frente, segundo Evelyn Arizpe.

Para proporcionar esses momentos de fruição literária e conduzir as experiências de leitura, o **mediador** precisa saber que sua atuação já começa no momento da **seleção** dos livros. Escolher livros para uma roda de leitura é colocá-los em evidência, em posição de destaque. Por isso, é preciso atentar para a qualidade da linguagem e das ilustrações e também para a forma como esses livros podem chegar aos leitores. Há, então, dois movimentos que o mediador precisa considerar: o da **avaliação** e o da **seleção**.

Segundo Beatriz Helena Robledo, professora e crítica literária na Universidade de Barcelona, a **avaliação** é o lugar da crítica, da definição de **critérios** de qualidade para julgar as obras literárias. Como mediadores, podemos não estar muito familiarizados com essas discussões, mas podemos recorrer ao trabalho de

equipes especializadas que se dedicam a ele. No Brasil, a equipe do **Instituto Emília** se reúne desde 2013 para avaliar os livros infantis aqui publicados, disponibilizando um guia que não traz apenas um *ranking* de títulos, mas explicita a metodologia de trabalho e os critérios a partir dos quais os livros são avaliados. Esses critérios não são dados *a priori*, mas são resultado de análises e discussões sobre os livros presentes no mercado brasileiro, incluindo uma grande diversidade de títulos, autores e editoras.

O trabalho dos **Destaques Emília** não é apenas avaliativo, mas também **formativo**, já que oferece ferramentas de reflexão aos mediadores. Baseando-se, então, nesse trabalho, o mediador pode fazer algumas perguntas para avaliar a qualidade de uma obra:

Para todos os livros:

1. Quais as qualidades literárias do texto?
2. Há um ponto de vista, uma reflexão, uma intenção estética e um domínio das formas, da estrutura e da linguagem sustentando essa obra?
3. Pensando no leitor infantil, os temas são tratados com delicadeza, inteligência e/ou humor?
4. Até que ponto a abordagem tem teor moralista, didático, previsível, instrutivo, maniqueísta, paternalista, simplista ou estereotipado?
5. O tratamento da linguagem interpela o leitor e o leva à expansão do conhecimento, sem subestimar sua capacidade de assombro, compreensão ou deleite estético e intelectual?
6. A forma (e aqui deve-se considerar o objeto livro, seja qual for seu formato ou gênero) é coerente com o conteúdo?
7. O tratamento do tema leva o leitor a outros livros, a outras culturas, à curiosidade, ao pensamento crítico, a outras propostas, a outras dúvidas?
8. O livro traz novidades em relação aos livros em geral? Ele avança e aponta novos caminhos? Ou é um livro bom, mas tradicional, previsível?

9. Que tipo de resposta propicia ao leitor: empatia afetiva, desafio intelectual, aquisição de conhecimentos, desfrute estético, abertura a novas formas experimentais?
10. A obra pode ser identificada como um produto artístico, pela qualidade literária do texto, por sua materialização como objeto, pela qualidade de suas imagens, pelo todo?

Quando o livro tem imagens:

1. Como se relacionam texto e imagem?
2. A ilustração faz parte da história? Como se complementam texto e imagem?
3. A ilustração é convencional? É original? É literal?
4. A ilustração cria sua própria narrativa? Ela aposta no leitor?
5. Qual é a técnica escolhida nas ilustrações (colagem, pintura, fotografia)? Ela dialoga com o texto? Reflete pesquisa autoral? Repete-se em outros trabalhos do artista ou traz inovações? É pouco convencional?
6. E quanto ao estilo: as imagens são concretas, abstratas, realistas? Parecem apropriadas para o livro?
7. As ilustrações são eloquentes, sugestivas, originais, inquietantes, apresentam coerência conceitual, um ponto de vista, uma harmonia na composição, um ritmo, um domínio da técnica e do estilo?
8. As ilustrações se relacionam com estilos artísticos determinados: realismo, expressionismo, impressionismo, surrealismo, HQs? Parece uma opção apropriada?
9. Que tamanho, formato, fundo, tipo de letra foram escolhidos? Parecem apropriados para o tema, o tom e a legibilidade do livro?
10. O que há de especial nos elementos de composição: linha, espaço, cor, perspectiva? Como colaboram para o significado do livro?<sup>11</sup>

<sup>11</sup> DESTAQUES e Olhar Leitor. *Revista Emilia*, [s. l.: s. d.]. Disponível em: <https://emilia.org.br/categorias/destaques-e-olhar-leitor/>. Acesso em: 2 nov. 2023.

Esses questionamentos podem ajudar o mediador a desenvolver **critérios** para avaliação da **qualidade** literária e estética dos livros infantis. É importante perceber que esses critérios não estão prontos nem acabados, mas que vão se construindo a partir das produções, das concepções de **língua** e **literatura** em questão e das imagens que fazemos dos **leitores**. O importante é conseguir perceber como um livro pode contribuir em uma roda de leitura ou se ele não deveria estar ali, se ele amplia ou restringe mundos, se acolhe ou afasta leitores. Por isso, alguns critérios de exclusão também precisam estar claros, sobretudo quando se trata de receber doações ou fazer compras de livros:<sup>12</sup>

- livros discriminatórios ou preconceituosos;
- livros com caráter funcional;
- livros que sejam apenas um reflexo de demandas de mercado.

Compreendida a etapa da **avaliação**, que tem a ver com a **qualidade** dos livros, os mediadores podem se concentrar no trabalho de **seleção** de livros para as sessões de leitura. Segundo Robledo, a seleção requer um olhar do **mediador** para os **leitores** e as experiências de **leitura**.

Guia de perguntas para a seleção de livros:

1. Quem são os leitores? Crianças, jovens, adultos?
2. Qual a relação do mediador com esse grupo? Já o conhece? Encontra com frequência? O grupo se modifica a cada encontro ou tem uma trajetória junto?
3. É um grupo pequeno ou numeroso? Homogêneo ou heterogêneo?
4. Qual a experiência leitora do grupo? Que tipo de textos os integrantes têm costume de ler? Do que gostam?
5. Qual é a relação do grupo com a literatura? Já são leitores? Ouvem ou contam histórias? Gostam de música, de cinema?
6. Por que estão reunidos? O que esperam do encontro?

<sup>12</sup> NODELMAN, Perry. *Somos mesmo todos censores?* Trad. Lenice Bueno. São Paulo: Selo Emília; Salvador: Solisluna, 2020.

<sup>13</sup> BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

<sup>14</sup> ROBLEDÓ, Beatriz. Avaliação e seleção de livros para formação de leitores. Trad. Thaís Albieri. *Caderno Emília*, n. 3, p. 27-41, 2019. Disponível em: <https://emilia.org.br/selo/caderno-3/>. Acesso em: 2 nov. 2023.

7. Como o mediador pode aproximar os leitores dos livros? Apresentando o autor, antecipando vivências e saberes do grupo sobre o tema, propondo comparações com leituras anteriores, relacionando a literatura com outras artes?

8. Como é o espaço onde será a mediação? Fechado ou aberto? Como torná-lo acolhedor: com toalhas para se sentar no chão, fazendo uma roda com cadeiras ou almofadas? É acessível para todas as pessoas?

Considerando, então, que a **seleção** é uma relação contextualizada e afetiva de troca entre os **mediadores** e os **leitores** e desdobrando a ideia de Cecília Bajour<sup>13</sup> sobre o fato de que a mediação começa na seleção, Robledo afirma:

Sob essa perspectiva, já não é possível selecionar textos sem considerar os contextos. Tampouco é possível selecionar somente a partir de gostos pessoais e preferências. É necessário que o mediador se torne um conhecedor profundo dos materiais com que trabalha e se transforme em um leitor cada vez mais experiente, aguçando sua visão e sua capacidade de compreensão dos grupos com os quais se relaciona. Somos trabalhadores sociais e culturais e não recriadores. Aceitar esta condição nos leva a buscar as maneiras para criar vínculos profundos, estreitos e autênticos entre os leitores e os materiais de leitura; contribui para trabalhar tanto pela qualidade das seleções quanto para criar espaços que permitam aos leitores descobrir novas maneiras de se apropriar daquilo que leem, novas maneiras de se enxergar e de se compreender, por meio da palavra escrita, outras formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo por intermédio da leitura e da escrita.<sup>14</sup>



Essa discussão ajuda os mediadores a afinarem a escuta tanto para as questões em jogo na avaliação de livros quanto para a consideração dos leitores e dos contextos de leitura no momento da seleção. E, aí, é importante também levar em conta o papel da **diversidade**. Se os mediadores desejam aproximar os leitores dos livros, oferecer oportunidades de identificação, conhecimento de outros mundos e apreciação estética, é interessante ofertar livros diversos em:

- **gênero**: poesia, conto, romance, teatro, livro ilustrado, livro de imagem;
- **autoria**: brasileiros e estrangeiros, de diversas etnias, países e continentes, homens e mulheres, do Norte e do Sul, do Leste e do Oeste;
- tipos de **ilustração**: coloridas e P&B, sóbrias e vivas, com técnicas variadas (aquarela, colagem, grafite), em diferentes estilos artísticos (realista, surrealista, abstrato, *naïf*) etc.

A partir do cuidado na **avaliação** da qualidade dos livros pela compreensão e pela formulação de possíveis **critérios** de análise relativos à qualidade literária, estética e gráfica das obras e da contextualização dos leitores e das situações para a **seleção** dos livros, os mediadores podem preparar eventos de leitura significativos e que possibilitem conversas sobre os livros e sobre a vida.

Pensando especificamente no momento da leitura, os mediadores podem planejar **perguntas** e **intervenções** que ampliem o olhar dos leitores para as obras, como conversar sobre o tema do livro, apresentar os autores, ler junto, incentivar as interações por meio de questões abertas, ouvir os incômodos e as interpretações, apreciar os silêncios, chamar atenção para a forma da linguagem e a estética das ilustrações.

Há diversos autores que afirmam a importância da **conversa** e do **silêncio** durante a leitura literária.<sup>15</sup> No senso comum,

<sup>15</sup> BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

<sup>16</sup> Apud BAJOUR, op. cit., 2012.

<sup>17</sup> GOLDIN, Daniel.

Estrangeiros no mundo: multiculturalismo, diversidade e formação de leitores. In: GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. Trad. Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 106.

a leitura é compreendida como um ato solitário, e certa cultura escolar mais tradicional convencionou que é preciso fazer alguma coisa depois de ler, seja para registrar a leitura por escrito ou por desenho ou para avaliar o que foi lido. Mas sabe-se que a leitura compartilhada tem um papel importantíssimo na formação de leitores, que ler junto e em voz alta não é perda de tempo: é um trabalho que amplia nossas possibilidades interpretativas por meio da

competência do outro. Além disso, as conversas sobre a leitura são uma forma de elaborar compreensões e sensações tanto a partir do que se leu quanto do que se escuta de outros leitores. Ler é, fundamentalmente, conversar sobre as leituras, segundo Aidan Chambers.<sup>16</sup>

Para ampliar as possibilidades de atuação do mediador e ajudar a planejar práticas de leitura significativas, podemos observar algumas práticas que estão documentadas:

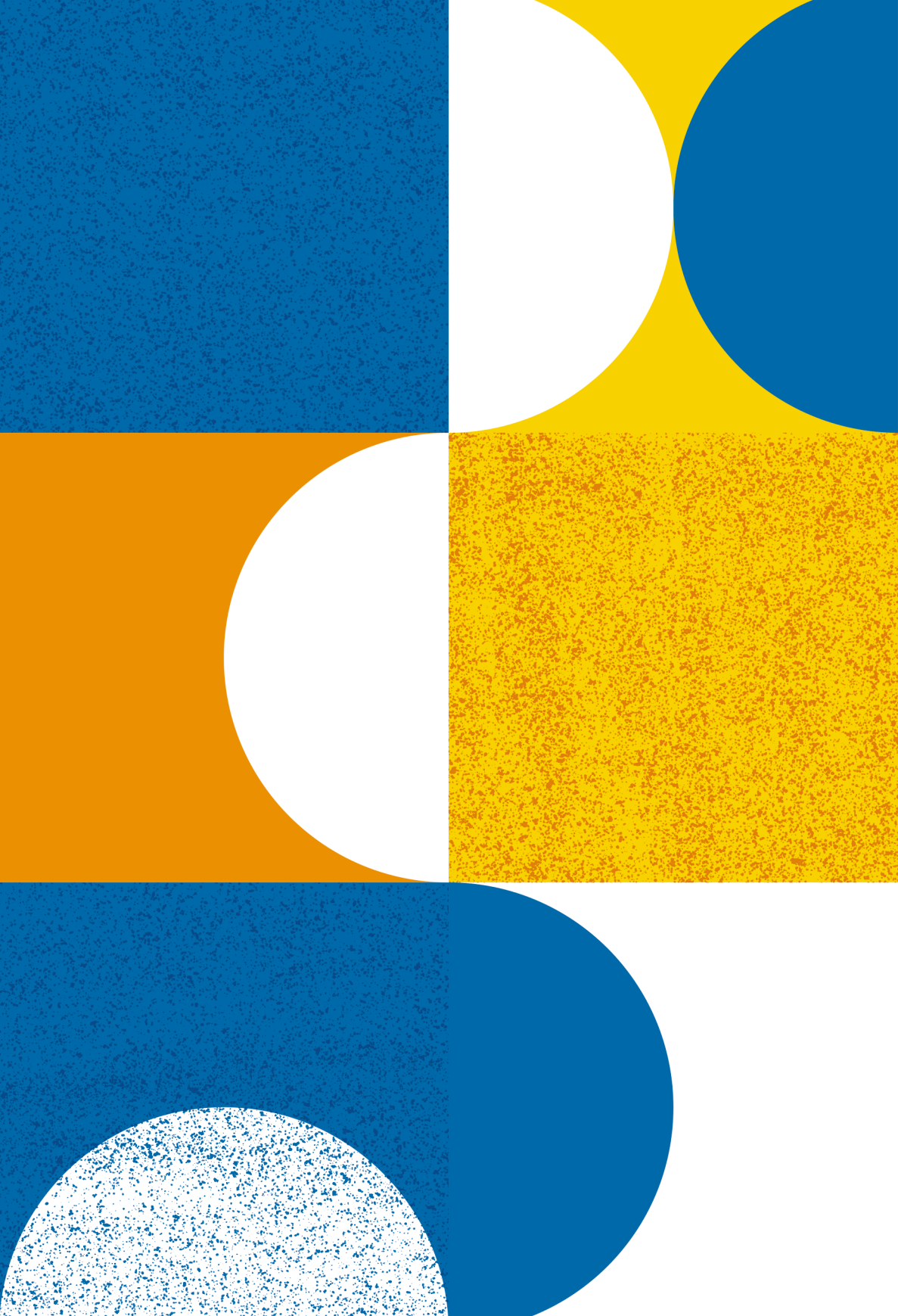
- A.C.C.E.S., França
- Espantapájaros, Colômbia
- Destaques Emília, Brasil

Segundo o editor mexicano Daniel Goldin, em um contexto multicultural, as situações de leitura precisam oferecer possibilidades reais de questionamento e construção de identidades pessoais e coletivas, além de possibilidades de provocar estranhamentos no interior de cada leitor, de colocar em crise sua identidade, questionando-a e levando à descoberta de que cada um é outro. “A promoção da leitura, como tal, supõe dar ao outro armas para ser diverso de si mesmo. É uma dádiva radical, uma prova de confiança no próximo.”<sup>17</sup>

Talvez, depois de tudo, nossa única morada seja a linguagem. E, se for assim, os livros poderiam ser a melhor forma de construí-la, desde que, como rezavam os antigos preceitos, tenham

sempre a porta aberta para o estranho, e que nós mesmos possamos ser também esse estranho ao acolhermos nosso próprio estranhamento.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Ibidem, p. 107.



# Curadoria: *uma biblioteca que acolhe*

Considerando, então, toda essa discussão sobre o contexto das migrações, sobre avaliação e seleção de livros e o papel do mediador, apresento, na sequência, uma curadoria preliminar de livros ilustrados com temas importantes quando se fala em migração, refúgio e acolhimento.

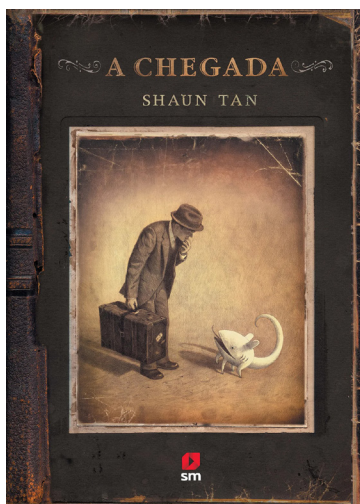
Para sensibilizar e orientar os mediadores, proponho pensarmos em temas e questões emergentes, nos contextos de migração e refúgio, a partir das discussões do escritor colombiano Fanuel Hanán Díaz.

- Fronteiras: há fronteiras físicas e fronteiras intangíveis. O ser humano contém, em si, fronteiras, limites, linhas de divisão identitárias. A infância e a juventude são territórios fronteiriços quando deixamos a infância? Quando nos sentimos integrados, nacionais, estrangeiros?
- Decisões: por que migrar? Pedir refúgio, asilo, proteção? Violência, guerra, perseguição, narcotráfico, guerrilha, desastres naturais, sistemas de governo, fome, pobreza. A decisão mais difícil pode ser abandonar o que se tem: casa, pertences, pessoas, animais.
- A viagem: o trajeto da migração. As condições e os meios da viagem: caminhada, trem, ônibus, barco, bote, avião. As diferentes paisagens. A viagem da imaginação. As paradas, o descanso, o que levam consigo, de material e de simbólico?

<sup>19</sup> LA MIGRACIÓN en los libros – Fanuel Hanán Díaz. [S. l.: s. n.], 13 jul. 2022. 1 vídeo (1:05:26). Publicado pelo canal Laboratorio José Martí. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=EbGfT4NYDw8/>. Acesso em: 2 nov. 2023.

- O outro: carga semântica negativa: o monstro, o inimigo, o intruso. O outro é rechaçado, anônimo, desintegrado; não pertence ao lugar de destino. A adaptação é um processo de aceitação das diferenças. O migrante vive e proporciona a experiência da alteridade.
- Lembranças: o luto. A viagem da memória: a saudade. As recordações mantêm a identidade: não esquecer é resistir! As viagens de regresso. Perder seu país não é necessariamente perder suas raízes, sua cultura.
- Não lugares: aeroportos, barcos, botes, fronteiras, estradas, acampamentos. Espaços transitórios: físicos ou intangíveis que podem nos devorar, nos fazer invisíveis. A língua materna, a cidadania: sem elas, é como não existir.<sup>19</sup>

À luz das reflexões compartilhadas até aqui, selecionamos e indicamos os livros em destaque a seguir. Esperamos que eles possam contribuir para experiências de leitura sensíveis, interessantes, significativas para todos os que, no espírito da roda, se debruçarem juntos para ler.



## A CHEGADA

Shaun Tan, SM, 2011.

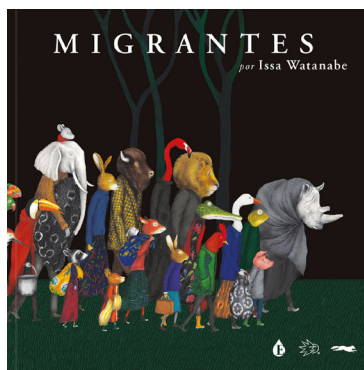
Novela gráfica de imagens que narra a experiência de um homem que deixa sua casa e chega a uma terra estranha. Nela, precisa buscar moradia, sustento e condições para trazer a família. No trajeto, conhece a história de outras pessoas que, como ele, tiveram de recomeçar a vida após um doloroso processo de desenraizamento. Uma obra-prima!

---

## MIGRANTES

Issa Watanabe, Selo Emília/  
Solisluna/Raposa Vermelha,  
2021.

Este livro narra, com imagens de extraordinária força e beleza, a viagem de um grupo de animais que abandona uma floresta noturna. É a história de uma grande e única migração, uma viagem de incertezas em que a morte e a esperança coexistem. As ilustrações sem eufemismos de Issa Watanabe narram situações reais e mostram o cotidiano dos refugiados, transportando o leitor para a rotina dos deslocamentos e acampamentos que impactam a contemporaneidade. A história está, em síntese, toda na capa do livro: de um lado, o drama da fome, a tragédia do fechamento de fronteiras, a crise humanitária; de outro, o papel da solidariedade, do compromisso, a importância do essencial e da partilha, mostrando como, num deserto de escuridão, as folhas podem voltar a crescer.





## MIGRAR

José Manuel  
Mateo e Javier  
Martínez Pedro,  
trad. Rafaella  
Lemos,  
Pallas, 2013.

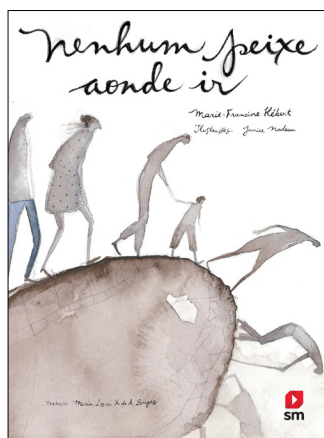
Uma bela paisagem feita a partir de técnicas tradicionais dos povos Xalitla se desdobra neste livro em formato sanfonado. Ele conta a história de dois irmãos que viajam clandestinamente com a mãe em busca do pai, que cruzou a fronteira do México rumo aos Estados Unidos. O texto é narrado em primeira pessoa pelo garoto, que descreve a vida no pequeno povoado natal, seu esvaziamento e a busca por sonhos e por melhores condições de vida em uma metrópole norte-americana. Um livro que explora as contradições entre campo e cidade, ancestralidade e modernidade.

---

## NENHUM PEIXE AONDE IR

Marie-Francine Hébert e Janice  
Nadeau, trad. Maria Luiza Borges,  
SM, 2006.

Com linguagem poética e ilustrações delicadas, que revelam o abismo entre os sonhos da infância e a violência das guerras, este livro conta a história de uma menina e sua família, que têm de deixar a própria casa em um dia ensolarado. Pode o inimigo ser alguém de quem gostamos? O que levar quando é preciso fugir? Como abandonar o peixe ao qual se prometeu o mais belo universo? Uma narrativa mais longa, com metáforas sensíveis, que não deixa as contradições humanas de lado.

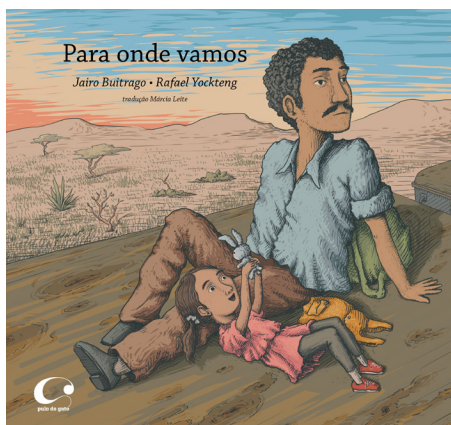




## O CAMINHO DE MARWAN

Patrícia de Arias e Laura Borràs, trad. Roseana Murray, Trioleca, 2017.

Feito de coragem e memória, o livro narra a história de Marwan, um pequeno menino refugiado que, como outros milhões de seres humanos, atravessou mares e desertos fugindo da guerra e da fome, em busca de um lugar de pertencimento. Passo após passo, até a próxima fronteira, Marwan tenta se lembrar da voz materna... E assim caminha, com ternura e curiosidade, levando os leitores pelas mãos em busca de esperança.



**PARA ONDE VAMOS**  
Jairo Buitrago e Rafael Yockteng, trad. Márcia Leite, Pulo do Gato, 2016.

Uma menina viaja com seu pai, mas não sabemos para onde vão. Durante a longa jornada, que envolve caminhadas, travessia de barco, trem e caminhonete, ela vai aprendendo a contar os animais, as nuvens e as estrelas

do céu. Também conta crianças e soldados. Às vezes, eles param em algum lugar, durante alguns dias, pois o pai precisa ganhar dinheiro para prosseguirem. Para onde vão? A menina insiste em perguntar, mas nem ela nem o leitor recebem a resposta.

## PARA ONDE VAMOS

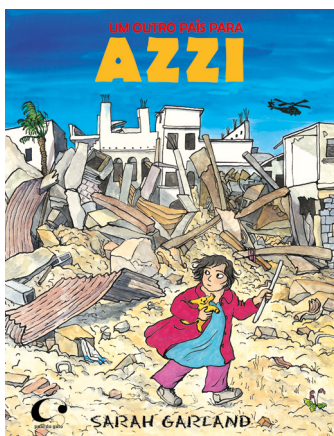




## PARA ONDE VAMOS







## UM OUTRO PAÍS PARA AZZI

Sarah Garland, trad. Érico Assis,  
Pulo do Gato, 2012.

Azzi e seus pais correm perigo e precisam fugir às pressas, abandonando sua casa, parentes, amigos, trabalhos e cultura. Ao embarcarem rumo a um país desconhecido, levam, além da pouca bagagem, a esperança de uma vida mais segura. Azzi terá de enfrentar a saudade que sente da avó e muitos desafios: aprender outra língua, compartilhar a preocupação dos pais, adaptar-se às novas casa e cidade, frequentar a nova escola e fazer novas amizades. Uma história em quadrinhos comovente.

Azzi e seus pais correm perigo e precisam fugir às pressas, abandonando sua casa, parentes, amigos, trabalhos e cultura. Ao embarcarem rumo a um país desconhecido, levam, além da pouca bagagem, a esperança de uma vida mais segura. Azzi terá de enfrentar a saudade que sente da avó e muitos desafios: aprender outra língua, compartilhar a preocupação dos pais, adaptar-se às novas casa e cidade, frequentar a nova escola e fazer novas amizades. Uma história em quadrinhos comovente.



Subindo ondas, descendo ondas, todo o dia e toda a noite, o barquinho atravessou o oceano, sem descanso.



Quando Azzi lambia seus lábios secos, sentia gosto de água salgada. Quando se agarrava a Bobô, o pelo dele estava duro, também por causa da água. Quando tentava dormir, o cobertor de Vovô estava úmido e gelado.



Um novo dia estava começando. Ainda se via uma única estrela no céu. A terra, logo à frente, era rosa e cinza. Azzi viu, pela primeira vez, o contorno desse novo país.

11



Tudo era diferente no novo país. As pessoas eram diferentes. A comida que ofereceram a Azzi tinha um gosto diferente.



Posso ver seus documentos, senhor?

Os homens e as mulheres falavam com Papai e Mamãe palavras que eles não entendiam.

12



## MEXIQUE: O NOME DO NAVIO

María José Ferrada e Ana Penyas, 2020.

Em 27 de maio de 1937, um grupo de 456 meninas e meninos embarcou no transatlântico *Mexique*, que partiu de Bordeaux, na França, para o México. Eles deveriam

permanecer lá por três ou quatro meses, mas não contavam com a derrota republicana ou o início da Segunda Guerra Mundial, dois episódios que tornaram seu exílio definitivo. As “crianças de Morélia” nunca mais voltaram à sua pátria e, se o fizeram, várias décadas depois, encontraram um país, irmãos e paisagens que já não reconheciam. Este livro conta a história de um navio, sabendo que não há registro de todos aqueles que cruzam o oceano todos os dias, transferindo seres humanos que têm direito a uma vida digna sem que a terra se desintegre sob seus pés.

---

## ELOÍSA E OS BICHOS

Jairo Buitrago e Rafael Yockteng, trad. Márcia Leite, Pulo do Gato, 2013.

Ao se mudar com o pai para uma nova cidade, Eloísa encontra um mundo totalmente diferente do que conhecia, povoado por bichos estranhos. Com o passar do tempo, tudo o que a assustava começa a fazer parte de sua rotina. Autor e ilustrador oferecem um terno e renovado olhar sobre questões sociais, como o deslocamento, o respeito à diversidade e a recusa à intolerância.



## ELOÍSA E OS BICHOS



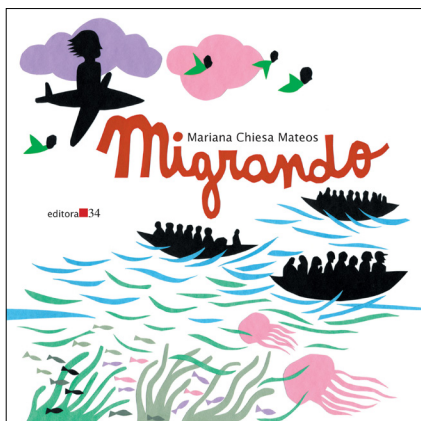




## ELOÍSA E OS BICHOS







## MIGRANDO

Mariana Chiesa Mateos,  
Editora 34, 2015.

Neste livro-imagem com duas capas e dois pontos de partida distintos, que se deixa folhear de trás para a frente e de frente para trás, a artista argentina Mariana Chiesa Mateos realiza uma obra poética aberta a múltiplas interpretações e que, assim como o próprio fenômeno

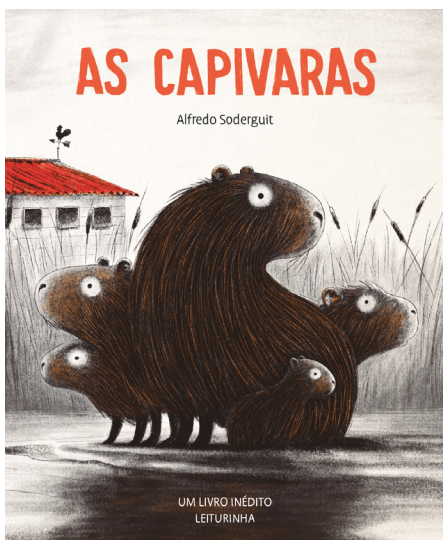
da migração, propõe ao leitor a experiência de vários pontos de vista ao mesmo tempo.

---

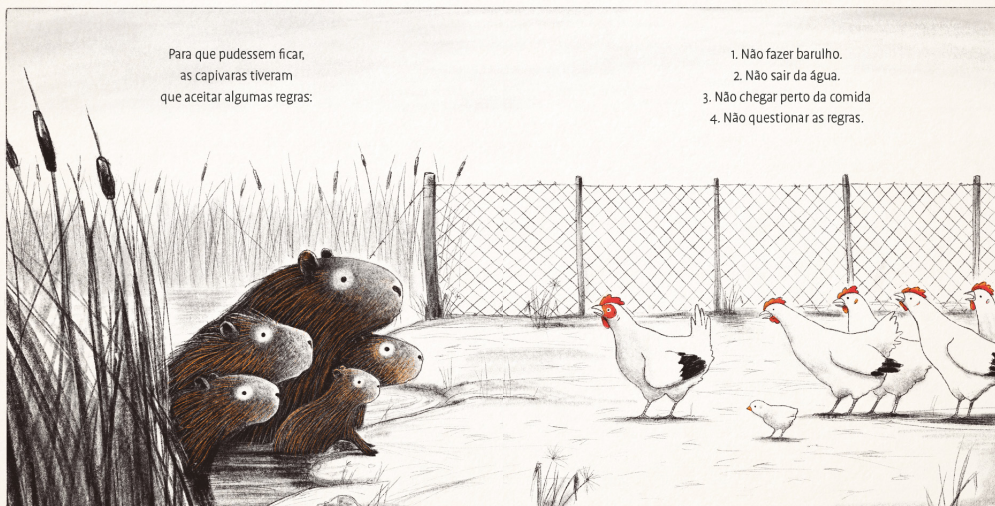
## AS CAPIVARAS

Alfredo Soderguit,  
trad. Ricardo Ditchun,  
Leiturinha, 2021.

No dia em que chegaram aqueles bichos estranhos, grandes e peludos, ninguém teve dúvidas: não havia lugar para eles. Mas as capivaras não puderam voltar para casa, porque a temporada de caça havia começado... Assim, capivaras e galinhas devem estabelecer uma convivência que será uma revelação. Com ilustrações simples e expressivas, narrativa aberta e metáfora, este livro se abre a muitas conversas sobre a alteridade.



## AS CAPIVARAS



## AS CAPIVARAS







## O LENÇO BRANCO

Viorel Boldis e Antonella Toffolo, trad. Eliana Aguiar, Pequena Zahar, 2014.

Com a força das xilogravuras em preto e branco e um belo texto poético, é uma narrativa de memórias da infância e da vida rural deixada para trás. *O lenço branco* expõe a angústia e a alegria do retorno às raízes. Um emocionante relato do ponto de vista daqueles que emigram e mantêm tênues os laços com sua história, sua cultura e seus afetos.

---

## A GUERRA

José Jorge Letria e André Letria, Ameli, 2019.

Diferentemente de qualquer livro, *A guerra* constrói sua temática com uma poética singular, revelando como ela surge em espírito e ação, devorando e silenciando tudo ao seu redor. Imagens impactantes em cores escuras e lindas metáforas visuais se relacionam com um texto poético e aberto a muitas conversas.

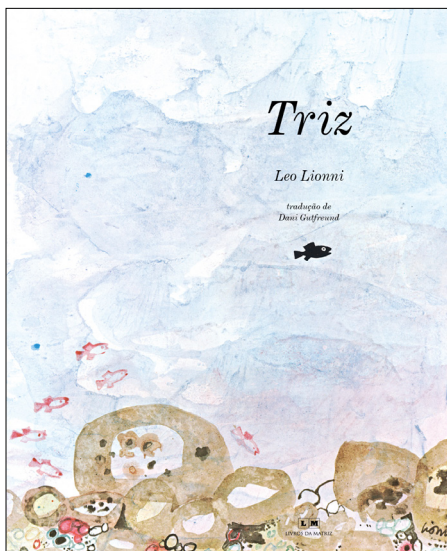




## O SAPO E O MUNDO IMENSO

Max Velthuijs,  
trad. Monica Stahel, WMF  
Martins Fontes, 2002.

Muito ansioso, o Sapo vai fazer uma viagem com o Rato, em busca de aventuras. Mas logo ele começa a sentir falta do Porco, da Pata e do Coelho e descobre que o mundo imenso é muito longe de casa... Um livro leve e delicado.



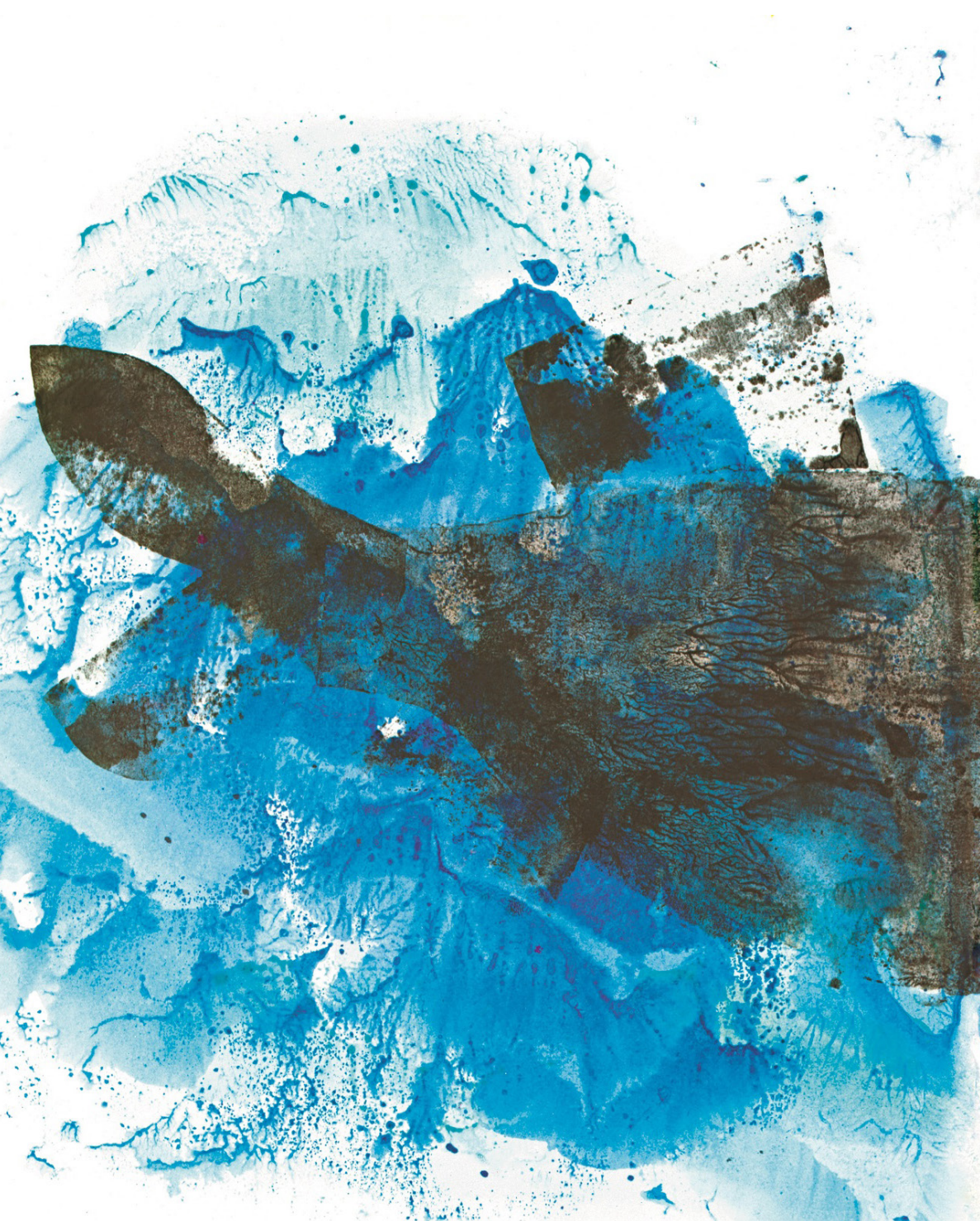
## TRIZ

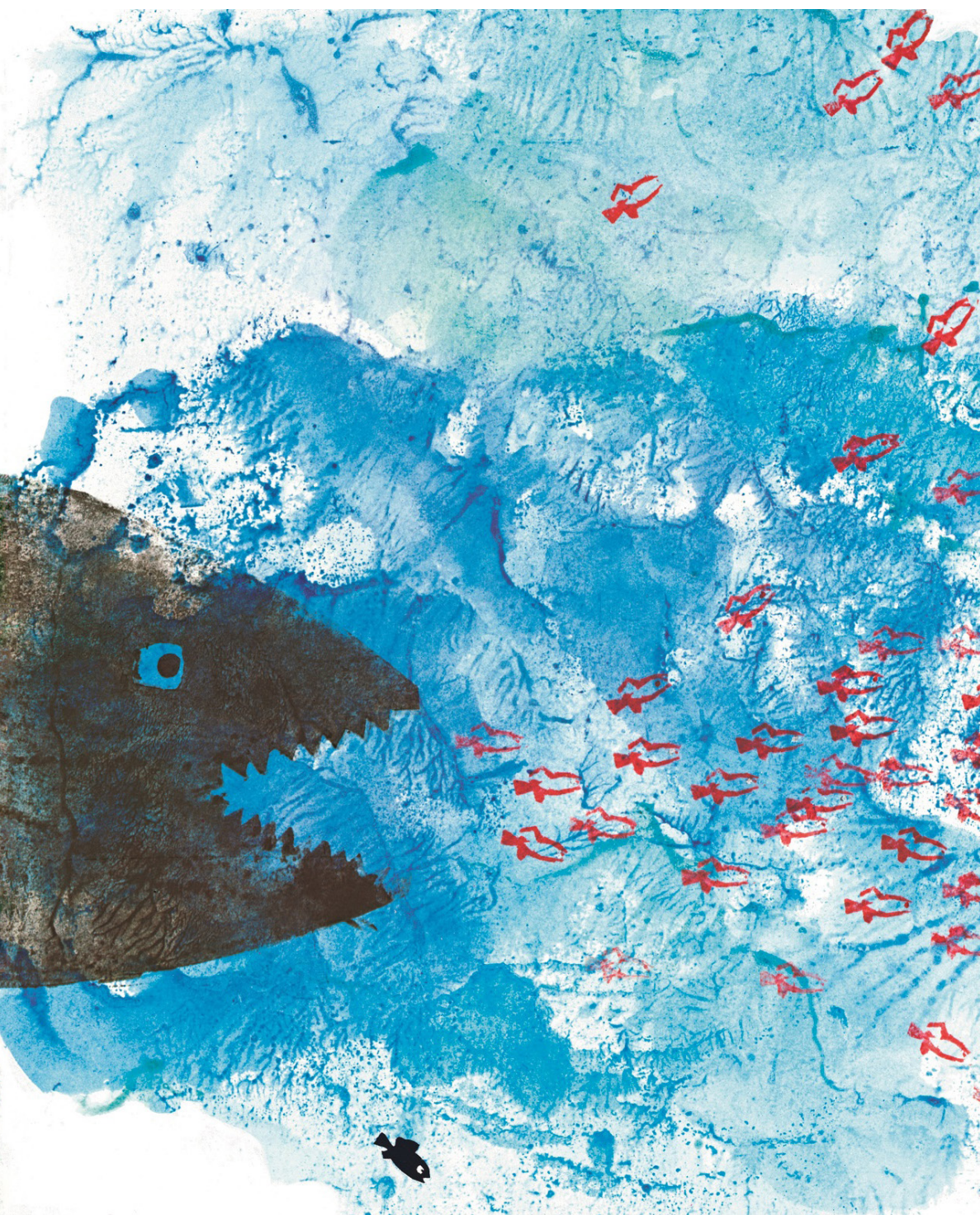
Leo Lionni,  
trad. Dani Gutfreund,  
Livros da Matriz, 2020.

Triz é um peixinho diferente de todo o seu cardume. Um dia, algo ruim acontece, e ele escapa por um triz. Foge pelos mares até encontrar um novo cardume como o seu. Um clássico da literatura, publicado originalmente em 1963. *Triz* fala da importância da vida em comunidade e de como,

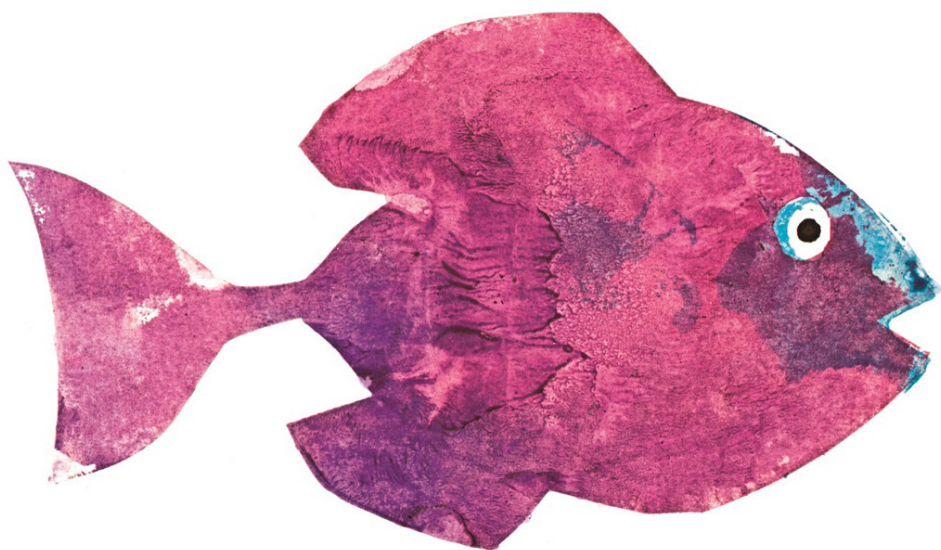
juntos, podemos mais. As cores das ilustrações parecem se desmanchar no mar, e o texto traz bonitas imagens.

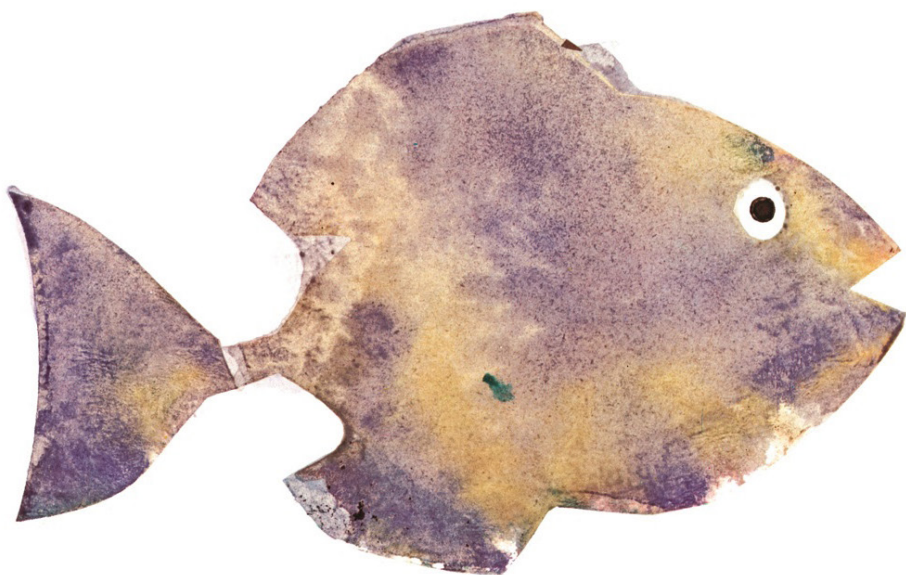
TRIZ



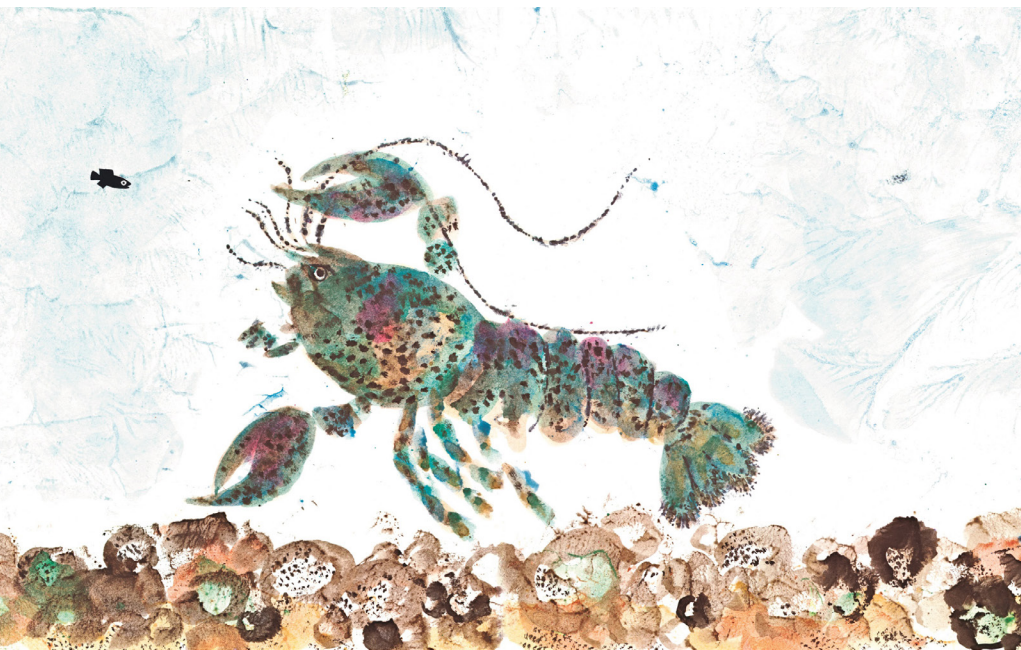


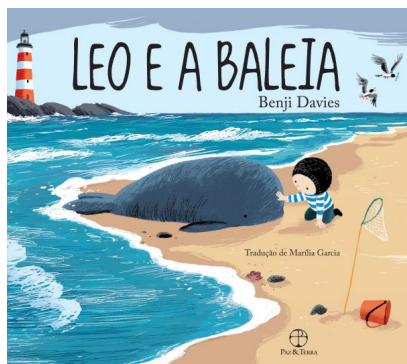
TRIZ





# TRIZ





## LEO E A BALEIA

Benji Davies, trad. Marília Garcia, Paz & Terra, 2019.

Um garoto vive à beira da praia com o pai, que é pescador e sai cedo todos os dias para trabalhar. Um dia, Leo encontra uma baleia encalhada e a leva para casa, mas logo precisará se despedir dela. Ilustrações que capturam o leitor e uma narrativa aberta a muitas possibilidades. Um livro sobre amizade, companhia, solidão e saudade.

turam o leitor e uma narrativa aberta a muitas possibilidades. Um livro sobre amizade, companhia, solidão e saudade.

---

## TENHO MEDO

Ivar Da Coll,  
trad. Dolores Prades,  
Livros da Matriz, 2013.

Está na hora de dormir, e o silêncio é tão grande que se ouve o murmúrio do vento nas árvores. Eusébio não consegue dormir; está com medo dos monstros – monstros que têm chifres e dentes pontudos, que andam em vassouras, que se escondem em lugares escuros. Eusébio chama, então, seu amigo, Ananias, porque nele encontra abrigo e proteção. Ivar Da Coll trata dos medos que habitam a fantasia das crianças de forma delicada e profunda: sem desqualificar os temores, os acalenta e reforça aquilo que lhes é seguro e possível. Um olhar atento desvela, nas ilustrações, o mundo imaginário e tenebroso que assombra Eusébio e sua transformação.



## TENHO MEDO







TENHO MEDO







## VIDA EM MARTE

Jon Agee, trad. Ana Tavares,  
Pequena Zahar, 2020.

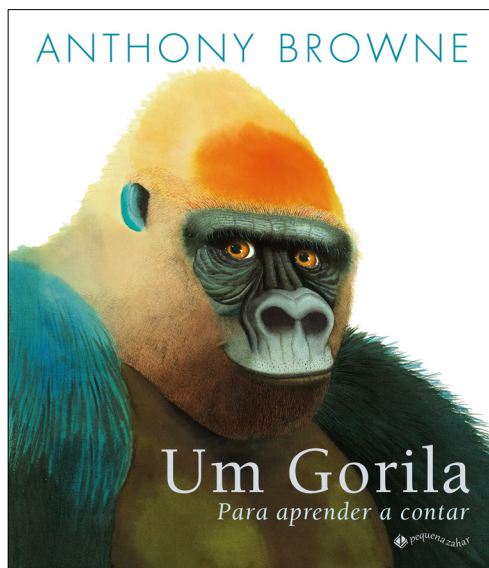
Um jovem astronauta parte em viagem para Marte, mas não encontra nada além de um planeta quase estéril. Mas a narrativa presente nas imagens mostra ao leitor mais do que o narrador consegue enxergar. Um livro divertido que traz uma conversa sobre os diferentes pontos de vista.

---

## UM GORILA PARA APRENDER A CONTAR

Anthony Browne,  
trad. Ana Tavares,  
Pequena Zahar, 2021.

De gorilas a gibões, macacos a mandris, lêmures de cauda anelada a macacos-aranha, o livro apresenta os números e os primatas. Com uma paleta marcante, atenção aos detalhes e talento peculiar para expressões faciais, Anthony Browne amplifica o conceito básico de número ao lançar um olhar sobre semelhanças e diferenças – retratando uma família extensa da qual podemos nos considerar parte. Espanto e muitas possibilidades de identificação.



## OS PÁSSAROS

Germano Zullo e Albertine,  
Editora 34, 2013.

Livro com imagens cinematográficas, conta a história de um motorista que se depara com uma interrupção na estrada e abre a porta traseira do veículo. Um bando de pássaros sai voando e desaparece no horizonte. Mas, no fundo da carroceria, ele encontra um pássaro preto que não segue seus companheiros. Nesta história singela, narrada em pinturas a guache de extrema delicadeza e força poética, o escritor Germano Zullo e a artista plástica Albertine conduzem o leitor a um generoso mundo de fantasia e liberdade.



---

## OVO | GALINHA

Stella Elia,  
BabaYaga, 2020.

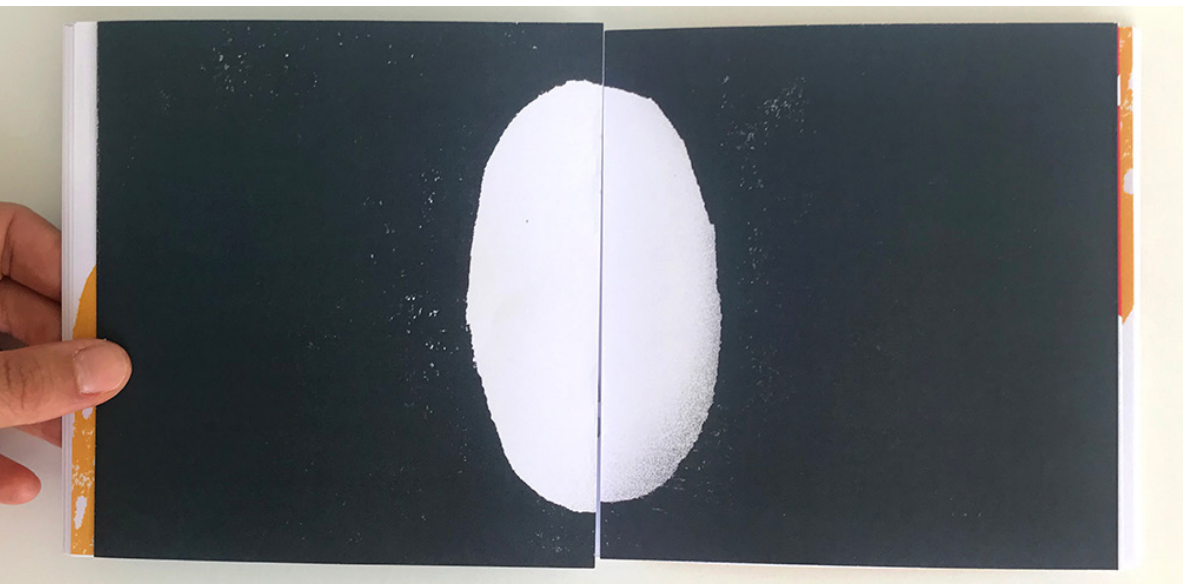
Não importa se em São Paulo, Lisboa, Jacksonville ou pra lá de Marrakesh: algumas questões são universais. Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

Nesta obra, o coletivo BabaYaga brincou com o texto, as imagens e os questionamentos de Stella Elia. Como começou a vida virou reflexão sobre como começar o livro. Devo começar a ler da esquerda para a direita? Da direita para esquerda? Ou pelo meio? Mas livro tem que ter começo, meio e fim? As palavras fazem o leitor enrolar a língua para pronunciar ovo e galinha em diversos idiomas. E as imagens nos trazem uma diversidade de cores e carimbadas.



OVO | GALINHA





## ONDA

Suzy Lee, Companhia das Letrinhas, 2017.

A premiada artista Suzy Lee traz elementos simples, papel e tinta, para criar uma história que não precisa de absolutamente nenhuma palavra para ser contada. Com um uso refinado de linha e cor, ela explora a força na natureza, da amizade e das novas experiências.



## SOMBRA

Suzy Lee, Companhia das Letrinhas, 2018.

Com elementos simples e apenas duas cores, Suzy Lee cria, neste livro-íagem, um cenário que capta perfeitamente a alegria das brincadeiras e enaltece o poder da imaginação de uma menina que brinca com as sombras produzidas pela lâmpada de seu sótão.





## MEU TIO CHEGA AMANHÃ

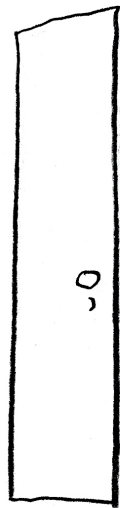
Sebastián Santana Camargo, trad. Dani Gutfreund,  
Livros da Matriz, 2020.

Quanto de vazio um livro comporta? E uma vida? *Meu tio chega amanhã* é um livro com muito espaço em branco e é também a história infinda de uma espera pelo tio. O menino se senta num banquinho em frente à porta de casa e espera. Enquanto espera, cresce. O que será que aconteceu com esse tio? O menino cresce, cresce, cresce, e quem segue esperando é o leitor. Este é o primeiro livro autoral de Sebastián Santana Camargo, fotógrafo e artista plástico de origem uruguaia nascido na Argentina, para se refugiar das perseguições sofridas por seu pai durante a ditadura que durou 12 anos e deixou marcas por gerações. Um livro que incorpora o silêncio como vazio. As ilustrações são extremamente simples e eloquentes. Traços pretos grossos, sempre os mesmos, remetem à imutabilidade, ao fato de que algumas pessoas nunca irão voltar, e a censura ainda impede que se saiba o que realmente aconteceu com elas. A falta de expressão do narrador interroga o leitor na busca pelos motivos dessa ausência. A abertura da narrativa pode levar a muitas causas: fuga, morte, engano, desaparecimento. Mas por quê? Uma resposta a ser restituída em muitos países latino-americanos.

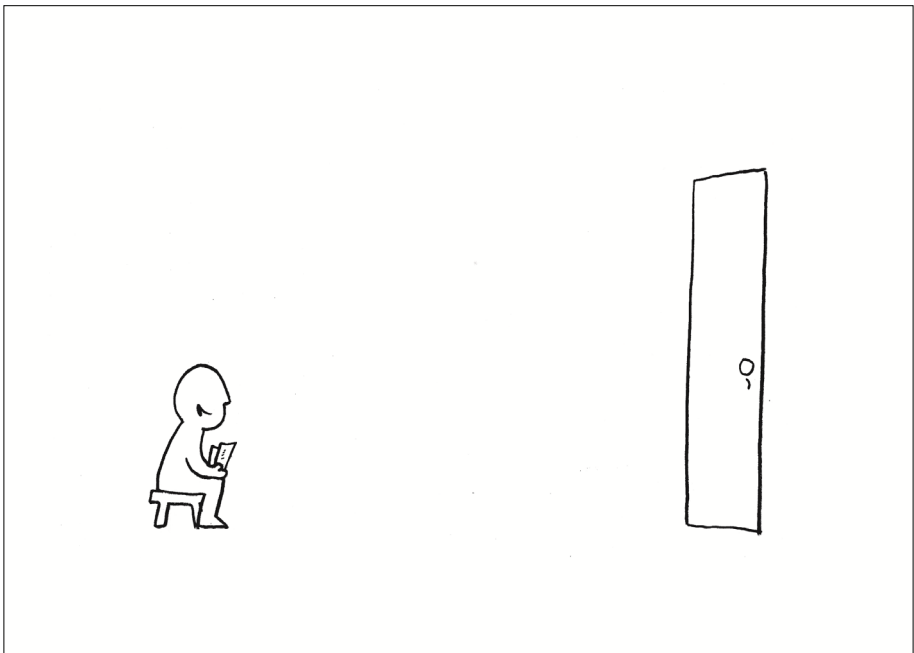
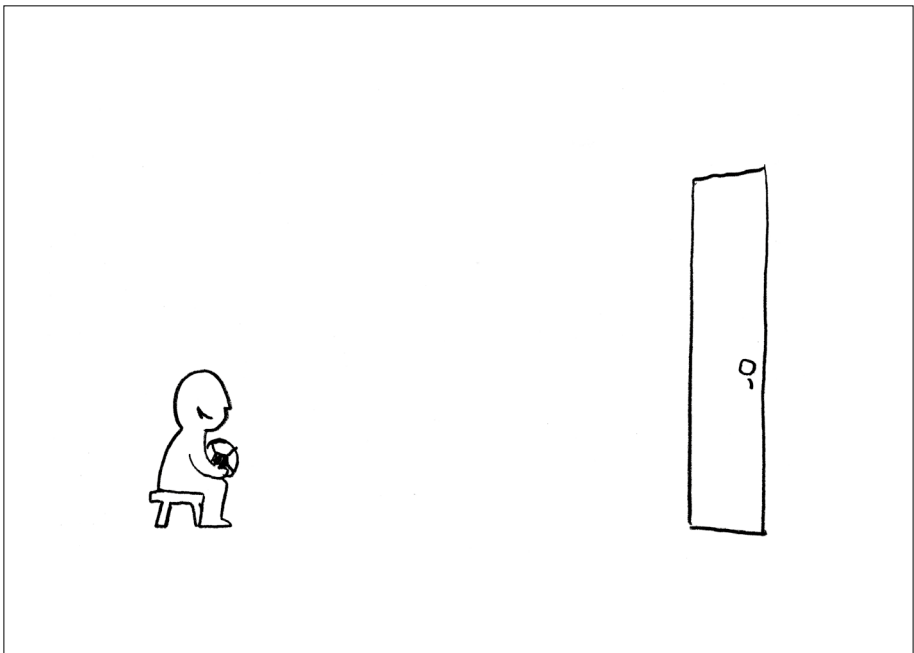
## MEU TIO CHEGA AMANHÃ

Mamãe e papai disseram que meu tio chega amanhã.  
Ele vai ficar uns dias em casa com a gente.





# MEU TIO CHEGA AMANHÃ



## ESPELHO

Suzy Lee,

Companhia das Letrinhas, 2021.

Ao se deparar com seu reflexo no espelho, uma menina começa uma grande brincadeira consigo mesma. Entre caretas, piruetas e risadas, a explosão de cor e formas no meio da página vai crescendo conforme ela e o leitor mergulham cada vez mais nessa dança da imaginação. Logo, a menina e seu reflexo se tornam um só – até mesmo para o leitor. Afinal, o que é a realidade e o que é a imagem mostrada pelo espelho?



## LONGE DO MEU PAÍS

Pascale Francotte,  
trad. Rodrigo Villela,  
SM, 2009.

Uma mulher e suas duas filhas passam por dificuldades em seu país, na África, onde é decretado estado de sítio, seguido por uma guerra civil. Pouco antes, o marido havia partido para estudar em outro país. Narrada pela filha mais velha, de cerca de sete anos, a história mostra sua versão dos fatos, o ressentimento por ter sido abandonada pelo pai e o desconforto pela precariedade e pela insegurança da situação.



## O MURO NO MEIO DO LIVRO

Jon Agee, trad. Juliana Freire,  
Pequena Zahar, 2019.

Um pequeno cavaleiro medieval leva o leitor a pensar sobre os significados de um muro no meio do livro: essa separação seria boa ou ruim? O personagem principal desta obra é o muro, representado pela dobra central do livro. Seu grande destaque é a narrativa imagética, ignorada pelo narrador, que alça o leitor ao estatuto de um verdadeiro coautor.

Aparentemente, é o lado de lá, habitado por animais selvagens e um ogro perigoso. Mas, a despeito da percepção do narrador, a história contada pelas imagens conduz o leitor a descobrir que também há ameaças do lado do cavaleiro; que, na floresta do lado de lá, pode haver mais camaradagem. Uma brecha contra os discursos de ódio tão presentes em nossos tempos, a ser vislumbrada desde sempre e sem limitações de idade.

---

## BÁRBARO

Renato Moriconi,  
Companhia das Letrinhas, 2013.

Um livro em que todos os elementos contam a história. Era uma vez um bravo guerreiro que montou em seu lindo cavalo e saiu em uma perigosíssima jornada. Ele lutou contra serpentes e gigantes de um olho só, sobreviveu a flechadas, enfrentou leões monstruosos e plantas carnívoras, até que... De repente, parou no meio do caminho e começou a chorar. Surpresa e fantasia aguardam os pequenos leitores.





## MANOLITO, ASSIM O CHAMAMOS

Gustavo Roldán, trad. Dani Gutfreund, Livros da Matriz, 2021.

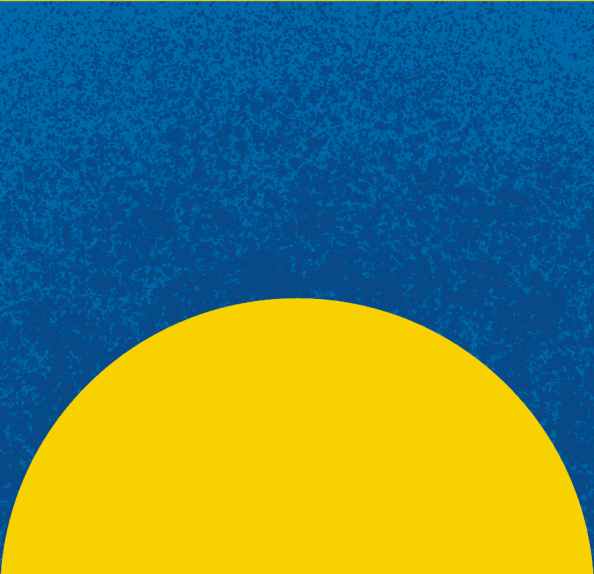
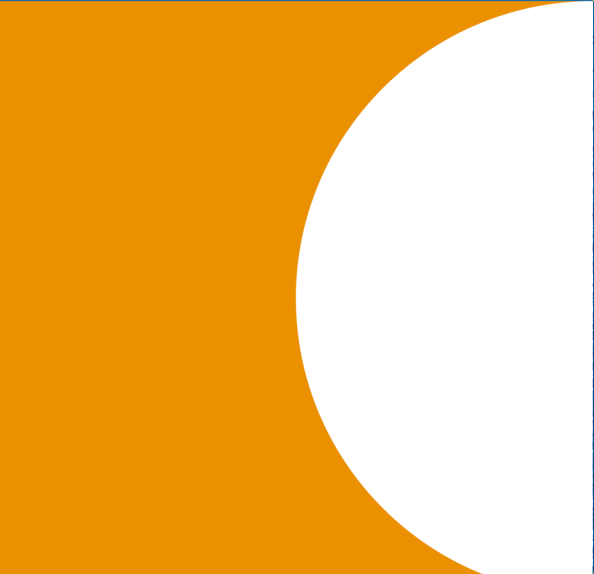
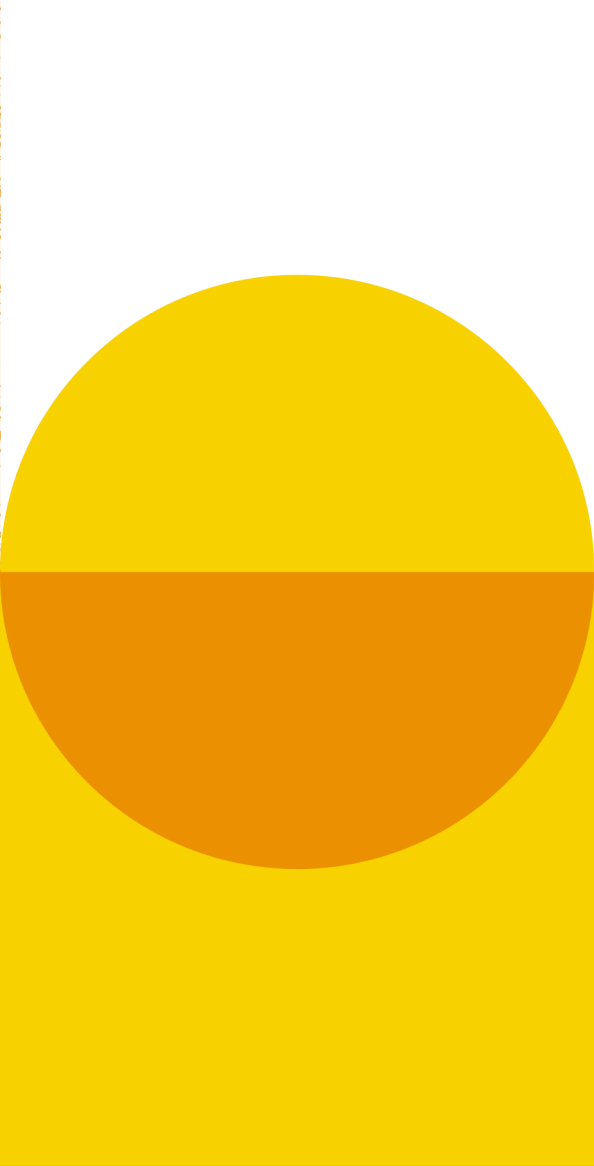
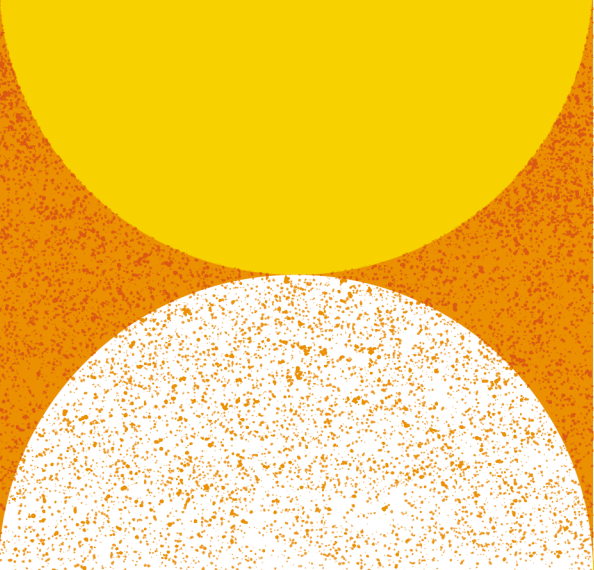
Manolito é um bicho grande e cabeludo, que tem um quê de elefante e transborda simpatia. Tudo o que ele quer é entrar na casa de uma certa família e não mede esforços para realizar seu desejo. O livro foi todo desenhado e colorido com marcadores permanentes, nas cores verde, vermelho, laranja e preto, deixando o branco do papel em evidência. A escolha do material parece muito acertada: o desejo de Manolito é ficar. Os traços e formas simples predominantes na ilustração cedem todo o protagonismo a Manolito – bicho encantador mesmo que seus métodos de convencimento não sejam os mais apropriados – e colaboram para enaltecer o teor da história. *Manolito* é um livro que dá muito a pensar, levantando questões tanto contemporâneas quanto atemporais, as quais não têm respostas simples e diretas. Leitura complexa, exige do leitor reflexão, fazendo com que retome seu entendimento sobre inclusão, desigualdade, imigração, empatia e sobre si mesmo, o modo como se relaciona com o mundo e com o outro nesse embate entre o dono da casa e Manolito. Ao longo do livro, torna-se difícil escolher um lado, seja pelo fato de Manolito ser encantador – ou talvez irritante –, seja pelo fato de que o dono da casa, embora no direito à sua privacidade e à sua propriedade, talvez esteja deixando transparecer seus próprios preconceitos.

MANOLITO, ASSIM O CHAMAMOS









# O que fazer com os livros selecionados?

Adotadas as estratégias para avaliar e selecionar livros que possam ampliar as possibilidades de acolhida e de diálogo com crianças e adolescentes, jovens e adultos que chegam ao país na condição de migrantes e refugiados, a próxima questão que se coloca é a de **mediação**: o que podemos fazer com esses livros, como ofertá-los, qual é o papel do mediador e o que esperar das sessões de leitura?

Uma pensadora que nos oferece caminhos preciosos de reflexão sobre a mediação considerando o caráter ficcional e artístico da literatura é a argentina Graciela Montes.<sup>20</sup> Em diversas de suas conferências, ela elabora a importância da presença do **estranho** e do **acaso** nas práticas de leitura literária e nos adverte sobre os perigos do intervencionismo exagerado para o exercício vivo da leitura, que inclui a adoção de uma *posição de leitor*, isto é, de um caçador em terras alheias, como diz Michel de Certeau.<sup>21</sup>

Nenhum leitor opera no vazio; em dada situação, estando, ordem de leitura, ele faz valer sua experiência, opera sobre os textos, coloca em ação seus recursos, seus ardis. Um excesso de intervenção do mediador pode impedir a atuação do leitor, quando, por exemplo, legisla sobre o que é **apropriado** ou inapropriado para determinado público (as crianças, os estrangeiros, as pessoas com baixa escolaridade); essa seria uma forma de administrar previamente as oportunidades do leitor.

<sup>20</sup> MONTES, Graciela. *Buscar indícios, construir sentidos*. Trad. Cícero Oliveira. Lauro de Freiras: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2020.

<sup>21</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>22</sup> MONTES, op. cit., p. 97.

<sup>23</sup> BAJOUR, op. cit., 2012.

<sup>24</sup> Ibidem.

Há também um controle mais evasivo e que assume a forma da liberdade – por isso é tão eficaz – sobre o **gosto**, sobre o desejo do leitor: é preciso oferecer aquilo que os

leitores gostam de ler, como se fosse possível saber de antemão aquilo de que o outro gosta e ficar apenas no que já se sabe/supõe que agrada.

Como, afinal, “sustentar e acompanhar sem dirigir”?<sup>22</sup> *A ação crítica e dialógica do mediador deve enfrentar a tentação da **interpretação prévia***. Em vez de antecipar chaves, símbolos, morais, temas e teses – muitas vezes até sob a forma de perguntas motivadoras aparentemente abertas, mas que induzem uma interpretação já feita ou desejada –, um mediador pode verdadeiramente ouvir o leitor, dar-lhe a palavra, dar lugar à discussão, ao estranhamento, ao silêncio.

*É importante*, portanto, considerar que a **mediação** de leitura começa já no momento de **seleção**<sup>23</sup> das obras e segue na organização do espaço, na disposição dos livros e dos leitores, passando pelos convites à leitura e pela mediação das trocas, pela abertura à livre expressão de todos. Um mediador deve, portanto, afinar a sua disponibilidade para a **escuta**<sup>24</sup> do corpo, dos gestos e das palavras dos participantes. Nesse contexto específico, podemos ter participantes que ainda não falam português. Assim, a escolha de livros de imagem, com pouco texto ou bilíngues, pode favorecer o interesse e a expressão de mais pessoas.

Cada mediador vai organizar e conduzir as sessões de leitura a partir de seu repertório e de seus modos de se relacionar com a literatura. Há muitas maneiras de fazer isso, e não há receitas infalíveis nesse sentido. O que importa é estabelecer um pacto dialógico para a relação entre as pessoas e os livros.

Se o objetivo das sessões de leitura é ampliar e fortalecer laços, oferecendo espaço para sentir e falar de outras formas de experimentar as chegadas e partidas da vida, o foco da mediação é a oferta de livros polissêmicos, acompanhados de um espaço aberto a muitas formas de expressar sensações, ideias e vivências. Seja por meio da exploração livre dos livros dispo-

tos em círculo, seja pelo recurso à leitura compartilhada, o importante é a atenção à expressividade e à emoção do mediador e a escuta atenta. O dizer dos participantes da roda de leitura e sua escuta podem se dar por gestos, desenhos, encenações, textos escritos ou falas. <sup>25</sup> PETIT, op. cit., 2019.

Um cuidado a ser tomado no processo das práticas de mediação é que estas podem muito facilmente, também, cair nas armadilhas da **idealização** e da **espetacularização**. Ideias como as de “contágio”, “paixão”, “desejo”, “viagem”, “prazer” e “magia” costumam projetar expectativas irreais e que podem afastar ainda mais as pessoas das trocas que os livros requerem.<sup>25</sup> Socialmente, a leitura goza de uma excelente imagem, frequentemente elitizada e exigente. Sobre isso, pensemos em tudo o que se requer de um leitor: conhecimento da língua, repertório de imagens, fluência leitora, experiência narrativa, acesso e familiaridade com o livro etc.

Uma forma de quebrar as possíveis barreiras encontradas no processo de leitura e de favorecer trocas culturais mais efetivas é dessacralizar tanto o objeto livro – que pode, sim, ser emprestado, ter orelhas amassadas, grifos ou rasgos que requeiram reparação – quanto as interpretações do texto, que vão partir daquilo que, efetivamente, está presente nas palavras e nas imagens. Esse processo, em uma roda de leitura, pode e deve acolher ideias dissonantes, devaneios e histórias pessoais.

Por outro lado, as práticas cenográficas de leitura, muitas vezes usadas para entreter, divertir e chamar a atenção do grupo recorrendo a fantasias e objetos, precisam ser questionadas. Qual espaço se deixa para a relação entre o leitor e o livro em uma mediação espetacularizada? Como um participante pode se aproximar das sutilezas da literatura e se apropriar de suas próprias leituras com um mediador que se coloca sempre no centro? Ler pode ser simplesmente dispor, oferecer, mostrar, emprestar a voz, ouvir.

Como, então, mediar uma leitura? No fazer do mediador, acreditamos que questões como essa esbarram, sobretudo, na

<sup>26</sup> SZYMBORSKA, Wisława. *Um amor feliz*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 30.  
<sup>27</sup> BAJOUR, op. cit., 2018.

tensão entre o planejado e o acontecido. Sendo assim, é imprescindível que o mediador prepare previamente a leitura, pesquise sobre autores e ilustradores, conheça bem a narrativa, planeje pausas e questões disruptoras e estabeleça relações com outros livros e outras artes. Esse estudo prévio vai

deixá-lo seguro e aberto ao improvisado a partir das reações e demandas dos participantes.

No poema “Nada acontece duas vezes”, Wisława Szymborska<sup>26</sup> atenta para o fato de que *nascemos sem prática e morremos sem rotina*. Se nada acontece duas vezes, o planejamento de uma roda de leitura deve contemplar propostas abertas e que considerem que os livros e a infraestrutura não são o principal; o que importa são as pessoas e as relações que terão lugar a partir da literatura.

Essa **abertura** nas propostas de mediação já está presente nas obras literárias, que tocam a nossa humanidade a partir de histórias singulares e formas inusitadas de narrar. Por isso, também a partir das reflexões de Cecilia Bajour, é fundamental manter espaço para o **silêncio**, para a não saturação das significações das obras, para os dizeres do outro.<sup>27</sup> O temor ao silêncio vem de uma concepção que o esvazia, que considera apenas a palavra como significativa, mas sabemos que o não dito, a metáfora, a alusão e o subentendido são recursos ricos em sentido, justamente pela abertura que os fundamenta.

Nesse sentido, como vimos anteriormente, a seleção de livros ilustrados é uma estratégia muito interessante, pois estes aprofundam a relação entre palavra e imagem de modo que o texto não faça sentido sem as imagens ou que faça um sentido completamente diferente sem elas ou, ainda, que as imagens tenham sentido em si mesmas. Sobre essa estratégia, a pesquisadora francesa Sophie Van der Linden nos ensina que:

De imediato, o livro ilustrado evoca duas linguagens: o texto e a imagem. Quando as imagens propõem uma significação articulada com a do texto, ou seja, não são redundantes à narra-

tiva, a leitura do livro ilustrado solicita apreensão conjunta do que está escrito e daquilo que é mostrado.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Sesi-SP, 2018. p. 8.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 9.

No livro ilustrado, a imagem não só ocupa mais espaço na página do que o texto, como está intimamente articulada a ele. Van der Linden e outros autores que pesquisam o livro ilustrado dizem que não se trata de um gênero literário específico, mas de uma linguagem, uma forma de contar que pode conter gêneros diversos, como conto, poesia, fábula, adivinha, texto informativo etc. Por isso, a leitura do livro ilustrado é feita sempre na relação entre palavra, imagem e objeto.

Nas palavras de Sophie Van der Linden:

Ler um livro ilustrado não se resume a ler texto e imagem. É isso, e muito mais. Ler um livro ilustrado é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo; é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra... Ler um livro ilustrado depende certamente da formação do leitor.<sup>29</sup>

Essas práticas de leitura favorecem uma exploração mais a fundo do universo poético-narrativo criado pelos livros ilustrados. Ao propor observações atentas dos detalhes da obra em suas três dimensões constitutivas – a do objeto, a da imagem e a da palavra –, o mediador favorece diversos pontos de entrada dos participantes naquela narrativa.

Para estabelecer uma concreta relação com o objeto livro, podemos observar o formato, o tamanho, o tipo de papel, a tipografia (os tipos, tamanhos e cores das letras). O que esses elementos nos transmitem naquela leitura? E as imagens? Qual é a técnica utilizada: o estilo, os traços, as cores? O que esses elementos representam e como contribuem para a narrativa?

E qual é o papel da palavra nesse livro? Que história o texto verbal conta por meio de quais recursos lexicais (palavras) e sintáticos (organização gramatical)? Como apresentar/se aproximar/saborear essas palavras em um contexto em que temos, na roda, leitores de diferentes línguas e níveis de conhecimento da língua portuguesa?

Essas são observações que devem guiar a pesquisa e o planejamento do mediador. Dessa forma, é possível instigar os participantes a abrirem este ou aquele livro, a lê-lo e a observá-lo com atenção. Primeiramente, como um todo, depois folheando, indo e voltando; lendo apenas o texto para saborear o seu ritmo ou olhando apenas as imagens para se deixar afetar por elas. Enfim, para vivenciar, concretamente, as distintas experiências estéticas que uma obra literária pode proporcionar ao leitor.

Em uma mediação literária, os olhares se voltam tanto para o **assunto** do livro quanto para a **forma** como se conta a história. A leitura compartilhada pode favorecer essa percepção nos participantes. Isso porque, quando nos sentamos em roda e fazemos circular um modo plural de ler, podemos alcançar diversas camadas de sentido.

Em um contexto plurilíngue, um bom movimento de leitura compartilhada pode acontecer a partir de uma orientação. Comece mostrando a **capa** do livro, lendo o título, arriscando traduções nas línguas maternas dos participantes, falando o nome dos autores e da editora. Depois, abra totalmente a capa do livro e peça para os participantes observarem a imagem completa: o que eles veem? Observe com os leitores a tipografia escolhida para o título, as cores, os elementos, as personagens. Planeje perguntas que chamem a atenção para os aspectos da imagem que irão se repetir ao longo do livro – isso pode acontecer apenas apontando alguns elementos ou se demorando mais em determinada página. Não deixem de observar a **folha de rosto**: quais elementos visuais estão presentes? O que podem significar? Leia, também, a **epígrafe** ou a **dedicatória**, se houver. O importante nessas conversas são as **hipóteses iniciais** dos leitores, que vão sendo construídas conforme suas experiên-

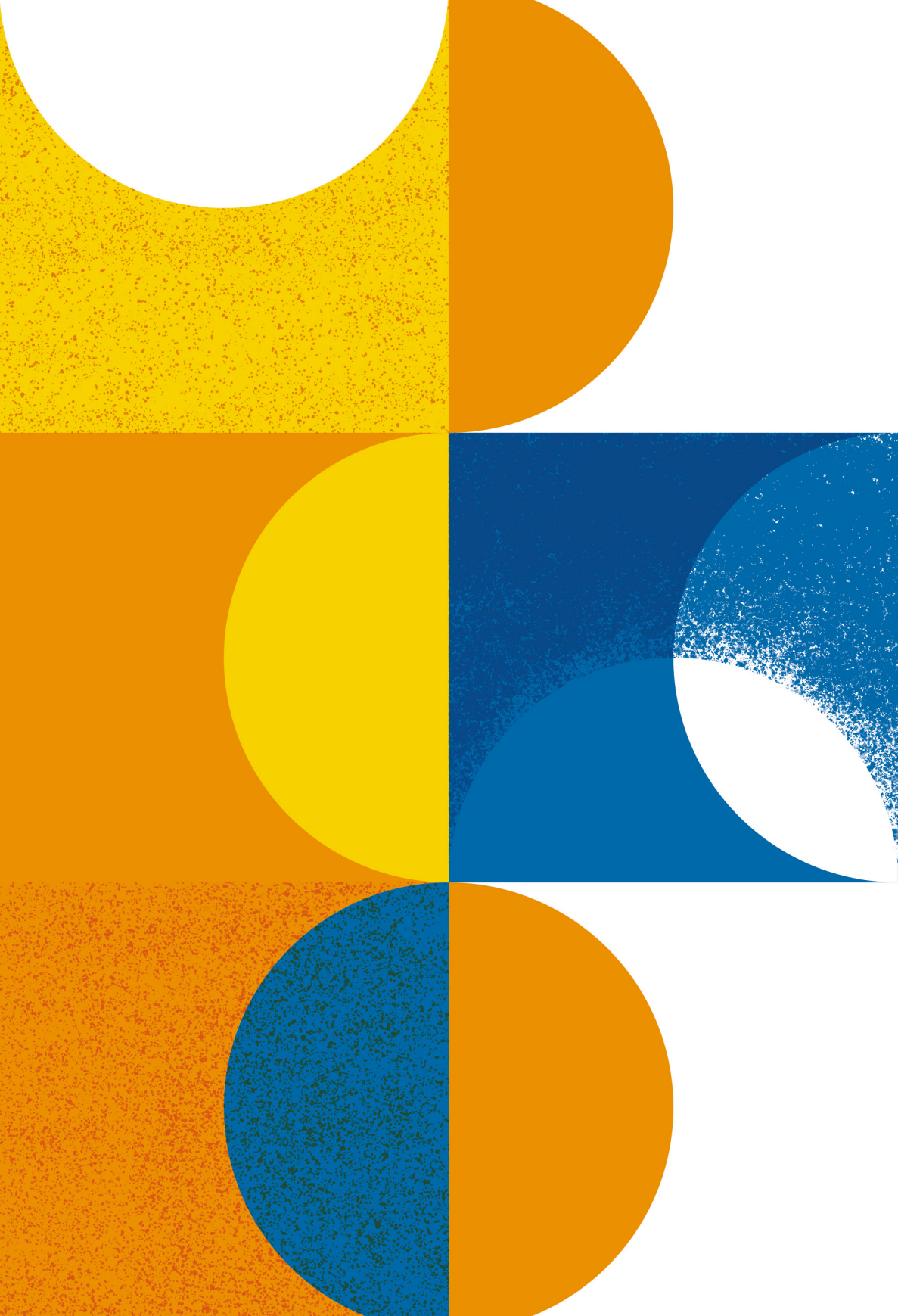


cias de leitura e a partir da mediação de leitores mais experientes. Não há resposta certa: há conversa com base em **indícios** presentes na obra.

O objetivo das releituras **comentadas** e **dialogadas** é que o mediador encaminhe a percepção dos leitores para diversas **camadas** de compreensão das obras literárias, tanto para sua **forma** de composição quanto para a **história** contada por meio de palavras e de imagens. O mediador pode, então, propor perguntas que favoreçam a observação da **forma** do texto e das imagens, ampliando as apreensões sobre o **tema**. Pensando na heterogeneidade dos participantes de uma roda de leitura com migrantes e refugiados, é fundamental atentar não apenas para **o que** o texto diz, mas também para **como** diz, ampliando as possibilidades de participação de todos, mesmo dos não falantes de português.

Sabemos, enfim, que é impossível dizer a outra pessoa o que ela deve sentir diante de uma experiência estética, de uma obra de arte, como é a literatura. Não basta saber, pela percepção do outro, que determinada obra é importante ou bela ou valiosa; é preciso ser capaz de apreciá-la por si só. Mas isso não se faz de modo solitário, porque a forma **como um livro nos afeta** tem a ver também com a coletividade, com a forma como esse livro chega até nós – geralmente pelo entusiasmo de outro leitor, que nos conta algo sobre o tema do livro, relata seu maravilhamento, suas dificuldades e as implicações daquele texto em seu momento de vida. E não basta ficarmos apenas com esse relato. Ouvir sobre uma experiência de leitura nos permite reconhecer que uma pessoa se impressionou, muito ou pouco, com a leitura daquele livro.

Para sabermos como o livro irá nos impressionar, precisamos lê-lo e ir encontrando **critérios** significativos para julgá-lo. E isso se faz favorecendo a formação de uma **comunidade leitora**. Talvez esse seja o maior desafio da mediação: instalar um ambiente seguro para falar e calar, para sentir e compartilhar, para pausar as urgências cotidianas e trocar experiências perceptuais, afetivas e culturais.



## **Bibliotecas digitais**

Editora Peirópolis: <https://digital.editorapeiropolis.com.br/painel/>

Editora Pulo do Gato: <https://issuu.com/pulodogato>

Editora Jujuba: <https://issuu.com/jujubaeditora>

## Referências

- A ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Trad. Carmen Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ARIZPE, Evelyn. Literatura infantil en contextos críticos de desplazamiento: el Programa “Leer con migrantes”. In: SECRETARÍA DE CULTURA/DGP. *Para leer en contextos adversos y otros espacios emergentes*. México: Dirección General de Publicaciones, 2018. p. 23-63. Disponível em: <https://tinyurl.com/3xjyh3bc>. Acesso em: 13 nov. 2023.

- B BAJOUR, Cecilia. A voz nasce do silêncio. Trad. Thaís Albiéri. *Revista Emília*, [s. l.], 4 fev. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/4cpk3nnb>. Acesso em: 2 nov. 2023.

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BONIN, Iara Tatiana; MELLO, Darlize Teixeira de; BARBOSA, Liége Freitas; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Direitos humanos, refugiados e migrantes: literatura infantil e acolhimento. *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, Bauru, v. 9, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/mddw49v7>. Acesso em: 2 nov. 2023.

- C CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CAVALCANTE, Sandra M. S. Novas intersubjetividades, pontos de vista e emoções em práticas discursivas de migrantes. In: CAVALCANTE, Sandra M. S., GABRIEL, Rosângela; MOURA, Heronides (org.). *Linguagem, cognição e cultura: estudos em interface*, v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2020. p. 261-290.

CAVALCANTE, Sandra M. S.; SILVA, Camila A. F. Comunidades interculturais de aprendizagem: uma resposta à crise migratória. *Revista de Pastoral da Anec*, ano 6, n. 12, p. 78-84, nov. 2021.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COLASANTI, Marina. Lendo na casa da guerra. In: COLASANTI, Marina. *Fragatas para terras distantes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

COLOMER, Teresa; FITTIPALDI, Martina (coord.). *La literatura que acoge: inmigración y lectura de álbumes*. Barcelona: Banco del Libro – Gretel, 2012.

D DESTAQUES e Olhar Leitor. *Revista Emília*, [s. l.: s. d.]. Disponível em: <https://tinyurl.com/45t4fuh2>. Acesso em: 2 nov. 2023.

F FEDATTO, Carolina. O que é migrar? Ser de um lugar? *Revista Dissol: Discurso, Sociedade, Linguagem*, n. 3, 2016. Disponível em: <https://tinyurl.com/4s5c6mkx>. Acesso em: 2 nov. 2023.

FENATI, Maria Carolina. Aprender e escrever: Maria Gabriela Llansol e as crianças da escola da Rua de Namur. *Caderno de Leituras*, Belo Horizonte, n. 152, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/47shebnr>. Acesso em: 2 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra. 2019. 256 p.

- G** GARRALÓN, Ana. A arte de conversar com as crianças sobre suas leituras. Trad. Dolores Prades. *Revista Emília*, [s. l.], 13 fev. 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/mpek249d>. Acesso em: 2 nov. 2023.

GOLDIN, Daniel. Estrangeiros no mundo: multiculturalismo, diversidade e formação de leitores. In: GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. Trad. Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

- J** JABÈS, Edmond. *Un étranger avec, sous le bras, un livre de petit format*. Paris: Gallimard, 1989.

- L** LA MIGRACIÓN en los libros – Fanuel Hanán Díaz. [S. l.: s. n.], 13 jul. 2022. 1 vídeo (1:05:26). Publicado pelo canal Laboratorio José Martí. Disponível em: <https://tinyurl.com/3pjcskhh>. Acesso em: 2 nov. 2023.

LEITE, Patrícia Bohrem Pereira. Ser daqui vindo de lá, ser de lá vivendo aqui: narrativas e deslocamentos. *Caderno Emília*, n. 1, p. 85-106, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/6k5kz6rp>. Acesso em: 2 nov. 2023.

- M** MEDRANO, Sandra M. M. Onde vão parar as histórias que ouvimos na infância? *Revista Emília*, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/yw45428p>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MONTEIRO, Irene; CARVALHO, Ana Carolina. Literatura e acolhimento. *Revista Emília*, [s. l.], 28 abr. 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/2yszm9sp>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MONTES, Graciela. As penas do ogro: a importância do estranho na leitura. In: MONTES, Graciela. *Buscar indícios, construir sentidos*. Trad. Cícero Oliveira. São Paulo: Selo Emília; Lauro de Freitas: Solisluna, 2020. p. 82-98.

MONTES, Graciela. *Buscar indícios, construir sentidos*. Trad. Cícero Oliveira. Lauro de Freiras: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2020.

MORAES, Odilon. “O ilustrador é um escritor de imagens”. *Blog das Letrinhas*, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/4p436vmv>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MORAES, Odilon; NODELMAN, Perry. Perry Nodelman e Odilon Moraes: uma conversa sobre o livro ilustrado. [Entrevista cedida a] Lugar de Ler. *Lugar de Ler*, [s. l.: s. d.]. Disponível em: <https://tinyurl.com/2wjp7suy>. Acesso em: 2 nov. 2023.

**N** NAZARETH, Paulo. “Uma diversidade que não cabe em uma única caixa”: uma conversa com Paulo. [Entrevista cedida a] Coletivo Encrespad@s. *Caderno Emília*, n. 6, p. 15, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/mrxpu58u>. Acesso em: 31 out. 2023.

NIKOLAJEVA, Maria. Muito mais que diversão: contribuições de Maria Nikolajeva sobre literatura infanto-juvenil. [Entrevista cedida a] Everaldo Lima de Araújo, Márcia da Gama Silva Felipe, Thales Sant’Ana Ferreira Mendes. *Revista Palimpsesto*, ano 18, n. 29, p. 27-37, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/3hjff9ks>. Acesso em: 31 out. 2023.

NODELMAN, Perry. *Somos mesmo todos censores?* Trad. Lenice Bueno. São Paulo: Selo Emília; Salvador: Solisluna, 2020.

**P** PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Trad. Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

**R** REYES, Yolanda. O triangulo amoroso. In: LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel (org.). *As crianças e os livros: reflexões sobre a leitura na primeira infância*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. p. 46-51. Disponível em: <https://tinyurl.com/3dn6ekf5>. Acesso em: 31 out. 2023.

ROBLEDO, Beatriz. Avaliação e seleção de livros para formação de leitores. Trad. Thaís Albieri. *Caderno Emília*, n. 3, p. 27-41, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/mrxzeapb>. Acesso em: 2 nov. 2023.

- S SCHMIDT, Marina; ZÁRATE, Mónica. *La fuerza de las palabras*. Protocolo para una intervención cultural en situaciones de emergencia. México: Cerlalc, Secretaría de Cultura de México, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/yctpbxha>. Acesso em: 2 nov. 2023.

SZYMBORSKA, Wisława. *Um amor feliz*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

- V VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Sesi-SP, 2018.





Realização



Pró-reitoria  
de Extensão



Apoio



**CESPUC - MG**  
CENTRO DE ESTUDOS  
LUSO-AFRO BRASILEIROS  
DA PONTIFÍCA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Produção

